

# ALFAQUEIRA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS

Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33  
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para  
a República Federativa do Brasil



# Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

## Administração

- Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º  
Soberano Grande Comendador
- Jorge Luiz de Andrade Lins**, 33º  
Lugar Tenente Comendador
- Francisco Antônio Gonçalves Dias**, 33º  
Grande Ministro de Estado
- Adélman de Jesus França Pinheiro**, 33º  
Grande Secretário do S.:I.:
- Carlos Antonio de Almeida Deveza**, 33º  
Grande Secretário do Interior do S.:I.:
- Maurício Soares**, 33º  
Grande Tesoureiro do S.:I.:
- José Alves de Alencar**, 33º  
Grande Chanceler Guarda do Selo
- SGCs de Honra**
- Venâncio Igrejas**, 33º †  
Brasil
- Geraldo de Souza**, 33º †  
Brasil
- Ballo Geay Yacouba**, 33º  
Costa do Marfim
- Jean Sicinsky**, 33º  
Polônia
- Carlos Reyes Geenzier**, 33º  
Panamá
- Henri L. Baranger**, 33º  
França
- José Carlos D. Silva Nogueira**, 33º  
Portugal
- Agostinho Fernandes Garcia**, 33º  
Portugal

## Membros Efetivos

- Luiz Fernando Rodrigues Torres** (04/03/1975)
- Licínio Leal Barbosa** (14/08/1980)
- Adélman de Jesus França Pinheiro** (12/03/1988)
- Francisco Antônio Gonçalves Dias** (12/03/1988)
- Jorge Luiz de Andrade Lins** (24/09/1991)
- Atyla Quintaes Freitas Lima** (22/09/1998)
- José Linhares de Vasconcelos Filho** (21/09/1999)
- José Alves de Alencar** (10/03/2001)
- Carlos Roberto Roque** (21/06/2001)
- Carlos Antonio de Almeida Deveza** (12/08/2002)
- Francisco "Bonato" Pereira da Silva** (24/09/2002)
- Rubens Marques dos Santos** (15/11/2003)
- Wilson Filomeno** (11/09/2004)
- José Francisco Ribeiro Lopes** (30/9/2006)
- João Antonio Aidar Coelho** (26/07/2008)
- Maurício Soares**, 33º (18/09/2008)
- Rui Silvio Stragliotto**, 33º (20/06/2009)
- Irineu Ramazzotti**, 33º (04/09/2012)
- Sergio Antonio Medeiros Vieira**, 33º (13/11/2012)
- Manif Antônio Torres Julio**, 33º (23/09/2014)
- Antônio Luiz Corrêa**, 33º (23/09/2014)
- Anderson Pinto Verçosa Simões**, 33º (23/09/2014)
- Malba Tahan Macêdo Santos**, 33º (11/03/2017)
- Ronaldo de Brito Leite**, 33º (11/03/2017)
- Jorge Alexandre Pimentel Mege**, 33º (11/03/2017)

Mantenha atualizado seu endereço junto ao SC 33



### Revista Astréa

Órgão Oficial do Supremo Conselho Grau 33º do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

Fundada em 1º de janeiro de 1927, pelo Ir.: **Mario Behring**, 33º

Registro 009-R na Associação Brasileira da Imprensa Maçônica

#### Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º  
Soberano Grande Comendador

#### Jornalista Responsável

Ir.: **João Guilherme C. Ribeiro**, 18º  
OJB 242

#### Redator

Ir.: **Sergio Antonio Medeiros Vieira**, 33º

#### Editor Fotográfico

Ir.: **Ricardo Sodré Lira Brandão**, 33º

#### Criação e Produção

**Infinity Editorial e Promocional**  
Rua Bispo Lacerda, 22 - Del Castilho  
21051-120 - Rio de Janeiro RJ

#### Impressão

**Tribuna de Petrópolis**  
Rua Alencar Lima, 26 - Centro  
25620-050 - Petrópolis, RJ  
sumauma@e-tribuna.com.br

Tiragem desta Edição:  
19.000 exemplares

#### Correspondência

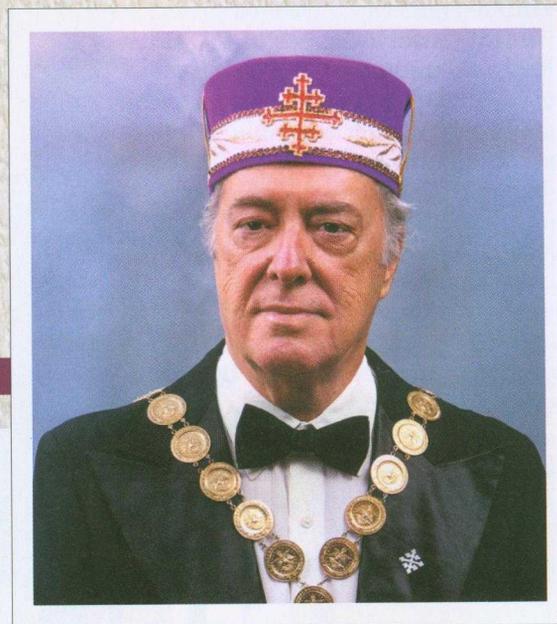
**Revista Astréa**  
Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá  
21321-624 - Rio de Janeiro, RJ  
Brasil

Telefone: (21) 3369-8000

www.sc33.org.br  
secretaria@sc33.org.br

Os artigos publicados nesta revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

Capa: Mário Behring, em tela do pintor José de Arimateia (acervo do Supremo Conselho 33); foto digital por Odílio Souza



**Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**  
Soberano Grande Comendador

### **Meus Valorosos Irmãos**

Chegamos ao fim do ano de 2017. Diante de um novo tempo, acontecimentos, de uma nova etapa de busca de novas realizações, de novos empreendimentos, de novas conquistas.

Nestes vinte anos de atual Administração do **Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito**, alcançamos um patamar de sucessos e de poucas decepções.

No plano societário crescemos enormemente, pois, de um número em torno de 8.000 a 10.000 Irmãos em 1998 **atingimos, atualmente, quase 25.000 ativos** em todo o território nacional. Todos imbuídos dos mais elevados propósitos de benevolência e de prestígio da Maçonaria Universal.

Trabalhamos com **1.450 Corpos Filosóficos** em **110 Inspetorias Litúrgicas**, disseminadas em localidades de todos os Estados e suas cidades.

Tudo isto concorre para o crescente prestígio da Maçonaria em nosso imenso

Território. E o **Rito Escocês Antigo e Aceito** cresce vertiginosamente, sem precedente.

A Sede do **Supremo Conselho**, situada na Rua Barão, no Bairro de Jacarepaguá, demonstra, à sociedade, a consequência dos fatos, atrás enunciados.

Aguardamos as visitas de Irmãos de todos os recantos nacionais e estrangeiros, a fim de constatarem o resultado físico do engrandecimento do **Rito Escocês Antigo e Aceito** em nosso país.

Continuamos a trabalhar em prol deste propósito, tanto na atual administração, como, estou certo das que virão.

Creiam, meus Irmãos, no futuro grandioso da prática maçônica, através do **Rito Escocês Antigo e Aceito** e de seus adeptos, para à Glória do Grande Arquiteto do Universo.

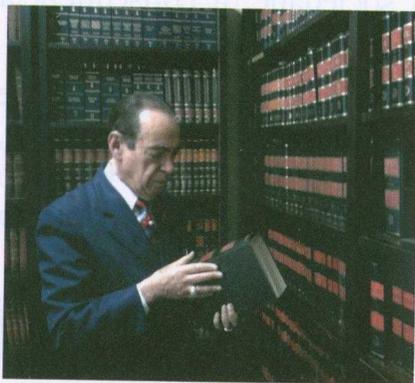
**Feliz 2018.** ▲





## Colunas gêmeas e estudos complementares

Ir.: Joaquim da Silva Pires, M.:I.:  
**GOB**, M|I, REAA, 33 (\*)



(\*) O Irm. Joaquim da Silva Pires, M.:I.:, portador da maior lãurea concedida pelo **Grande Oriente do Brasil**, a Augusta Comenda da Ordem de D. Pedro I, é Orador Emérito da **ARLS Estrella da Syria** e Membro Honorário da **ARLS Piratininga**, ambas de São Paulo-SP. Historiador maçônico e ritualista, escreveu sete livros e está preparando um oitavo.



O mais antigo exemplo de colunas gêmeas está nas ruínas de um templo egípcio, em Heliópolis, que possuía fachada voltada para o Oriente. Conforme interpretação apresentada por arqueólogos, uma das colunas representava a deusa **Isis**, símbolo do nascimento do astro-rei, ou seja, símbolo da vida. A outra representava sua irmã, a deusa **Néftis**, símbolo do poente, ou seja, símbolo da morte. Diante disso, em síntese, posso inferir que ambas as colunas, conjugadas, deixavam entrever a eviterna lei dos contrastes, com a filosófica presença dos binários opostos.

Do Egito, mediante a inegável projeção de suas influências sobre outras civilizações, o uso de colunas gêmeas passou para a Assíria e a Fenícia.

No presente estudo, por razões óbvias, não cabem polêmicas sobre a autenticidade ou não dos relatos bíblicos. Sejam verídicos ou não sejam, conttenham verdades históricas ou reflitam apenas exaltações religiosas, advinentes de uma epopeia associada a textos de natureza psicológica para enaltecer um povo con-

tinuadamente oprimido, o fato é que as controvérsias posicionam-me à vontade para suscitar mais dúvidas, pois estas conduzem à reflexão, clamam por discernimento e justificam os verbos por mim usados no futuro do pretérito (o antigo modo condicional) em algumas das passagens vistas nestes meus pequenos comentários.

Da leitura de textos extraídos daqueles relatos, colhe-se que as colunas gêmeas do Templo de Jerusalém, em sua primeira fase, isto é, na fase do rei **Salomão**, teriam sido edificadas por um bronzista chamado **Hiram Abi**, natural de Tiro, cidade fenícia, situada na costa do Mar Mediterrâneo, na atual República do Líbano. Isso teria ocorrido no ano 1012, antes de nossa Era.

A coluna do lado direito recebeu o nome de **BOOZ**, que seria trisavô do rei Salomão. A outra, do lado oposto, recebeu o nome de **JAQUIM** (segundo a grafia em português), que, escolhido pelo rei **Davi** (pai do rei **Salomão**), teria sido membro de uma corporação sacerdotal. Existe interpretação outra, de conteúdo profético. Porém,

em meu particular entendimento, falta-lhe razoabilidade. Também existem, infelizmente, interpretações provenientes de fontes ocultistas, das quais jorram fantasiosos e natimortos conceitos exegéticos, na malograda tentativa da sobreposição de anacronismos medievais aos estudos históricos empreendidos por pesquisadores idôneos.

Neste exato momento, para evitar dúvidas, faço questão de reiterar asserção que venho alinhando em livros, em palestras e em artigos esparsos, no sentido de que não sou religioso. É a irrefragável presença de religiões, imiscuindo-se no fluxo da História Universal, que torna obrigatório o meu estudo sobre elas.

Relativamente ao tema, dirigindo-lhe foco amplo, é vastíssima a literatura estrangeira, exemplificativamente: *Old Testament Commentary*, de **William Foxwell Albright** (há estudiosos que o consideram o maior biblista de todos os tempos), *A History of Israel*, de **Teodore Robinson**, *Archeology and the Old Testament*, de **Merril Unger**, *Mysterious Numbers of Hebrew Kings*, de **E.R. Thiele**, *Introduction of the Old Testament*, de **Robert Pfeiffer**, *Critique textuelle de l'Ancient Testament*, de **L. Donnefeld**, *Les Patriarches hebreux et les decouvertes modernes*, de **R. de Vaux**, e *Babylone et l'Ancient Testament*, de **A. Parrot**. Dessas obras, não me consta a existência de traduções em português. De outras, felizmente já traduzidas, considero recomendáveis: *A História do Povo de Israel*, de **Abba Eban**, *Os Manuscritos do Mar Morto*, de **Edouard Laperrousaz**, *Dicionário da Bíblia*, de **John Davis**, e *Introdução à Bíblia*, de **P. Auvray** e equipe de sete colaboradores. Escritas diretamente em português, são indispensáveis as obras: *Os Originais da Bíblia* e *História do Judaísmo Antigo*, ambas do irreverente crítico brasileiro **Cyro de Moraes Campos**, e *Evolução Histórica do Povo Judeu* (não deixem de ler!) do erudito **Isaías Golgher**, inesquecível bessarabiano, que se radicou no Brasil.

De maneira específica, há cinco teóricas reconstituições do Templo de Salomão, ou seja, do Templo de Jerusalém em sua primeira fase, reconstituições essas que não podem ser confundidas com efetivas reconstruções, pois estas não existem. Refiro-me



**Acima, em caracteres hebraicos, as duas colunas: à esquerda Jaquim e, à direita, Boaz.**



**Abaixo, as colunas gêmeas do Templo dos Guerreiros, nas ruínas de Chichén Itzá.**



aos cinco modelos sugeridos por **Charles Chipiez**, **Howland/Garber**, **Sevens/Wright**, **Robert Smith** e **Carl Watzinger**. Pelo que me consta, este último autor é o único a defender a posição das colunas suportando a arquitrave, com finalidade arquitetônica. Para aqueles outros, essas colunas estariam soltas, fora do Templo, sem que suportassem a arquitrave. Sua presença estaria restrita a significado simbólico-litúrgico. **William Foxwell Albright**, já citado, chegou a afirmar que elas seriam gigantescos pedestais de incenso.

Nesta oportunidade, vejo-me obrigado a salientar, em aparente digressão, algo que me surpreende e para o qual não consigo encontrar resposta convincente.

É que, aproximadamente no ano 1200, mas já em nossa Era, os maias, no período tardio de sua longa civilização, em Chichén Itzá, na península de Yucatán, no atual México, edificaram colunas gêmeas, soltas, sem função arquitetônica, fora do *Templo dos Guerreiros*, descoberto graças às constantes dragagens efetuadas pelo incansável arqueólogo norte-americano **Edward Herbert Thompson**, entre 1904 e 1911. Não se vislumbram provas documentais de que povos do nosso continente houvessem estabelecido contato com outros, antes de **Cristóvão Colombo** chegar à América em 12 de outubro de 1492, isto é, quase três séculos depois da



construção do referido Templo dos maias. Ora, diante disso, de onde teria aquela mencionada civilização pré-colombiana copiado o uso das referidas colunas?

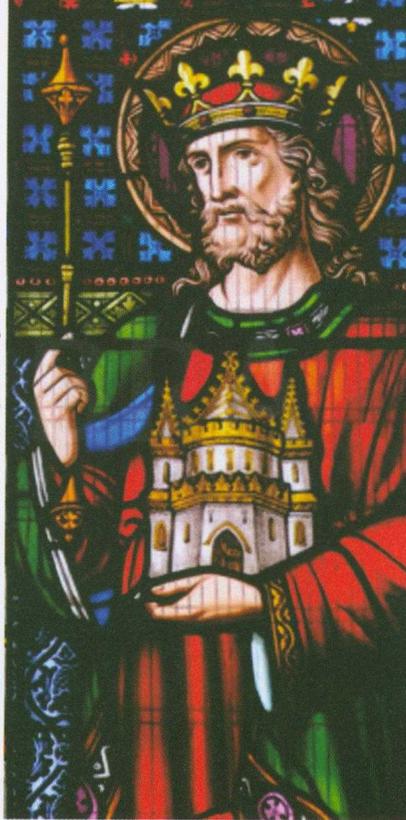
No Templo de Salomão, elas estariam encimadas por enfeites retorcidos por correntes, com romãs entreabertas, e em cornijas enfileiradas (mas, não com três romãs sobrepostas, consoante se vê em alguns Templos Maçônicos) e folhas de flores de lis ou de anêmonas. As correntes simbolizariam a escravidão, as romãs entreabertas representariam a união fraternal e as folhas representariam a beleza, tudo isso, entretanto, de modo muito subjetivo e muito discutível.

Em comentário supletório, peço a máxima vênia aos Respeitáveis Irmãos Leitores, apelando para sua proverbial tolerância, porque, para evitar vício perissológico, com o repetitivo uso da expressão “antes de nossa Era”, que, aliás, já usei uma vez nestes mesmos comentários, em linhas atrás (quando assinei que as colunas do Templo de Salomão teriam sido construídas no ano 1012 antes de nossa Era), não irei usar tal expressão explicitamente, porém eu a deixarei implícita nas próximas quinze datas que passarei a relacionar, em



**As tropas de Nabucodonosor invadem o Reino de Judá, arrasam o Templo e levam os prisioneiros ao Cativoiro da Babilônia.**

Vitral do Rei Salomão, Peterborough Cathedral, Cambridgeshire Inglaterra



**Rei Salomão e seu Templo, na Catedral de Peterborough, erigida no século XII. O vitral do data do século XIX.**



Siquém, depois em Samaria, e então Judá, com a capital em Jerusalém. Isso teria ocorrido em 931 (reitero, com a devida vênia, por excesso de zelo, que, nestes comentários, esta é a primeira das relacionadas quinze datas anteriores à nossa Era). O reino de Israel, que possuía dez tribos, caiu, fragorosamente, subjogado pelas forças militares de **Sargão II**, rei da Assíria, em 722. O reino de Judá, com duas tribos, foi duas vezes subjogado por **Nabuconosor II**, rei da Babilônia. Na primeira vez, em 606, houve o aprisionamento do rei judeu Joaquim. Na segunda vez, em 587, houve o aprisionamento do rei judeu Sedecias, quando os invasores levaram, cativa, grande parte da população e, sob as ordens de **Nabudarzan**, chefe das guardas babilônicas, destruíram o Templo, juntamente com a referida Capital. Consta que eles, vitoriosos, teriam, antes, quebrado as colunas gêmeas, e levado os bronzes dessas peças. As mencionadas colunas jamais foram reerguidas, apesar de que o Templo de Jerusalém, este sim, ainda viria a ser reconstruído, sem elas, e teria outras duas fases, até ser definitivamente arrasado, conforme veremos adiante, nestes mesmos comentários.

números decrescentes (obviamente), desde 931 (que será a primeira), até 19, (que será a última). Sei que, logo após apresentar os números de uma data anterior à nossa Era, eu poderia seguir um critério objetivo e cômodo, acrescentando-lhes a consagrada abreviatura “a.C.”, mas não a usarei, porque não a aceito.

O rei **Salomão** foi sucedido por seu filho **Roboão**, contra quem se opôs **Jeroboão**, dirigindo clamores do povo, que pleiteava redução de escorchantes impostos. Daí resultou o cisma entre Israel, com a capital em





Estátua de **Ciro, o Grande**, no Olympic Park, em Sidney, Austrália

### **Monumento a *Ciro, o Grande, Rei da Pérsia, herói entre os judeus como seu libertador do cativo da Babilônia.***

Em 539, **Nabonide**, o último rei da Babilônia, foi derrotado por **Ciro**, rei dos persas, que deu a Zorobabel, um líder judeu exilado, o título de *Aterzata*, a significar governador da Judéia, e o autorizou a reconstruir Jerusalém e o Templo, o que marcou sua segunda fase, cuja consagração só teria ocorrido após duas décadas, em 516. Entretanto, a Pérsia, então sob o reinado de **Dario III**, foi derrotada, em 330, por **Alexandre Magno**, rei da Macedônia, que marchou sobre Jerusalém, da qual se tornou senhor, juntamente com toda a denominada Ásia Menor. Após a morte daquele notável conquistador militar, em 323, e com a fragmentação do colossal império alexandrino, os judeus passaram ao domínio dos **Ptolomeus**, durante pouco mais de um século, isto é, de 301 até 198, quando adveio a época dos **selúcidas**, causando o aumento da helenização da Judeia. Depois, ao tempo do atribiliário **Antíoco Epifânio IV**, houve, em 167, a vitoriosa revolta dos Macabeus, o que proporcionou um período de independência. Posteriormente,

em 63, Jerusalém foi invadida pelos romanos, comandados por **Cneio Pompeu**. Mesmo sob dominação romana, o Templo passaria por uma terceira e última fase, no ano 19 (reitero, com a devida vênua, por excesso de zelo, que, nestes comen-tários, esta é a última das relacionadas quinze datas anteriores à nossa Era), ao tempo de **Herodes, o Grande**, subser-viente aos dominadores (não confundi-lo com seus filhos **Herodes Aquelau** e **Herodes Antipas**).

Todavia, durante a ocupação romana, ocorreu sublevação dos judeus. A repressão foi violentíssima. No ano 70, agora já em nossa Era, **Tito Flávio Vespasiano Augusto** (que, depois, na condição de imperador de Roma, viria a ser o 11º dos doze Césares) arrasou Jerusalém e o Templo.

Não existe certeza sobre a data exata em que a Maçonaria passou a adotar o uso de colunas gêmeas. É possível que isso tenha acontecido nas proximidades do final do Século XV e no princípio do Século XVI, de acordo com o que constaria de manuscritos ingleses da época, aos quais não tive acesso, infelizmente, quando estive no *British Museu*, de Londres. Com idêntico insucesso, nada encontrei que me ajudasse, nesse ponto, em minha inesquecível visita à *United Grand Lodge of England*.

O primeiro de todos os Rituais usados no Brasil era do **Grande Oriente Lusitano** e do Rito Moderno, impresso em Lisboa, em tipografia e data ignoradas, mas antes de 1815, porque, nessa data, quando ocorreu a fundação da

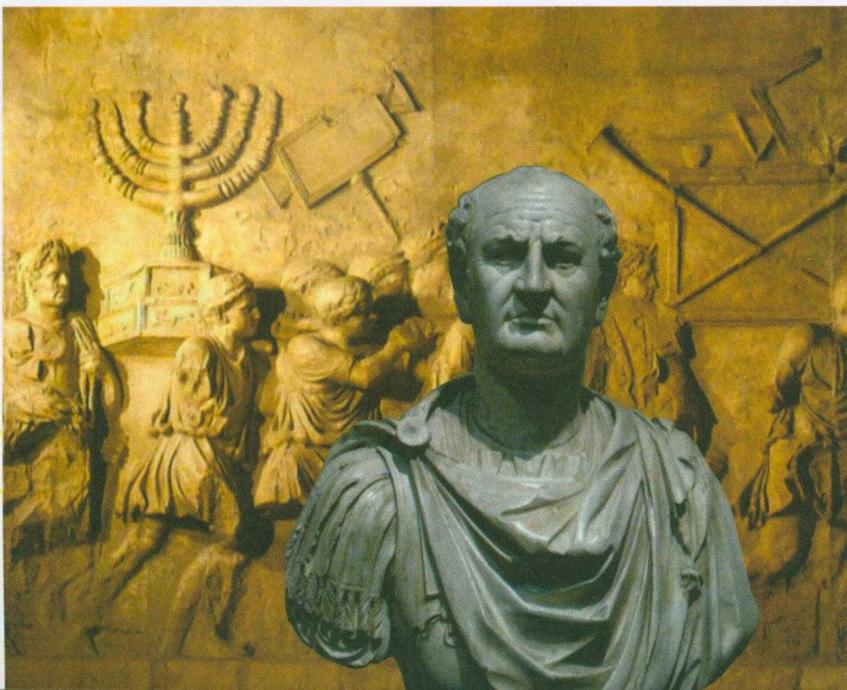
Loja **Comércio e Artes**, do Rio de Janeiro, ela usava aquele Ritual. A referida Loja viria a ser, em 1822, a nº 1, do **Grande Oriente do Brasil**. Não se sabe quem o teria trazido ou remetido ao nosso País. Naquele mencionado Ritual, as colunas estavam em posições invertidas, com “**B**”, à direita de quem entra no Templo, e “**J**”, do lado oposto. Aliás, no Rito Moderno, essa inversão permanece até hoje.

Em 1834, foi impresso o primeiro Ritual brasileiro, que, tanto quanto o anteriormente citado, era do Rito Moderno, outrora hegemônico. Lavrou o trabalho gráfico, por iniciativa própria, a *Typographia Seignot & Plancher* (os dois sócios eram Maçons) da Rua do Ouvidor, nº 95, Rio de Janeiro.

Naquele mesmo ano, a referida tipografia imprimiu mais dois Rituais, ambos do Rito Escocês Antigo e Aceito; um por encomenda feita pelo **Supremo Conselho para o Império do Brasil do 33º e Último Grau do Rit. Esc. Ant. e Acc.** (Brasil estava com “s”), atualmente denominado **Supremo Conselho do Grau 33 da Maçonaria do R. E. A. A. para a República Federativa do Brasil**, e

**Em destaque, o busto de Vespasiano, general e depois imperador de Roma, responsável pela destruição do Templo de Jerusalém, em sua terceira e última fase.**

Os romanos saqueiam Jerusalém, com destaque para o Menorah. Arco de Tito, em Roma



outro por encomenda feita pelo Grande Oriente Brasileiro, que, posteriormente, foi mais conhecido por **Grande Oriente do Passeio**, porque, em seu período áureo, estava localizado na Rua do Passeio, nº 36, Rio de Janeiro.

Em 1837, o **Grande Oriente do Brasil** teve o seu primeiro Ritual próprio. Era do Rito Moderno, então hegemônico. Imprimiu-o a *Typographia Austral*, do Beco de Bragança, nº 15, Rio de Janeiro. Em 1857, a citada potência providenciou seu segundo Ritual, o seu primeiro do Rito Escocês Antigo e Aceito. Imprimiu-o a *Typographia Menezes*, da então Rua do Cano (depois Rua Sete de Setembro), nº 165, Rio de Janeiro. Seguiram-se as edições de 1870, 1873, 1874 e 1877. Uma nova série foi impressa em 1891, corolário de modificações determinadas pelo já referido Supremo Conselho, com a denominação de **Supremo Conselho do Gr.: 33 para os Estados Unidos do Brazil** (Brazil estava com “z”, mas passaria a “s”, em dezembro de 1926, conforme estava em 1834; isso já vimos), na sessão realizada em 1º de julho de 1889, com explicações sobre *Disposições e decoração do Templo e sobre Cobridor do 1º Grão ou Grão de Aprendiz* (de acordo com a grafia original). Não obstante, as colunas gêmeas continuaram em posições invertidas.

Em 1928, que foi o ano seguinte ao da maior cisão maçônica brasileira, o Irm.: **Mário Marinho de Carvalho Behring**, Soberano Grande Comendador do **Supremo Conselho**, *ainda sob a denominação de Sup.: Cons.: do Gr.: 33.: do Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.: para os Estados Unidos do Brasil* (Brasil com “s”), colocou as colunas gêmeas nos lugares corretos: “J” à direita de quem entra no Templo, e “B” do lado oposto. Essa correção

aconteceu quando o referido líder maçônico organizou os Rituais das **Grandes Lojas: da Bahia** (fundada em 22 de maio de 1927), **do Rio de Janeiro** (fundada em 22 de junho de 1927; não confundi-la com a **do Estado do Rio de Janeiro**, fundada em 21 de setembro de 1927, que teve carta constitutiva em 10 de novembro daquele ano, e, igualmente, não confundi-la com a atual, que só teve essa denominação em 12 de julho de 1957, apesar de que é possível considerá-la fundada em 20 de março de 1944) e **de São Paulo** (fundada, oficialmente, em 2 de julho de 1927, apesar de que já estava fundada em 18 do mês anterior, sob a denominação de **Grande Loja Escocesa de São Paulo**), todos impressos na *Typographia Delta*, da Rua Dias da Cruz, nº 129, Rio de Janeiro.

Aliás, é assim que está nas oraculares *Lectures of the Ancient and Accepted Scottish Rite* (Preleções do Rito Escocês Antigo e Aceito), editadas em 1871, com expressa autorização do **Supreme Council of Thirty-Third Degree of the Southern Jurisdiction of the United States** (Supremo Conselho do Trigésimo Terceiro Grau da Jurisdição Sul dos Estados Unidos), nas quais está escrito:

*“The pillar or column on the right, in the south, was named, as the Hebrew word is rendered in our translation of the Bible, Jachin: and that on the left Boaz.”* (O pilar ou coluna direita, ou no sul, foi nomeado, com a palavra em Hebraico em nossa tradução da Bíblia, *Jaquim*; e a outra esquerda *Booz* (em inglês é *Boaz*)).

O **Grande Oriente do Brasil**, no Rito Escocês Antigo e Aceito, por influência do Rito Moderno, manteve durante vários anos, as colunas gêmeas em posições invertidas. Porém, naquele primeiro citado Rito, essa orientação veio a ser modificada graças ao Decreto nº 50/GOB, de 7 de julho de 1981, que determinou a localização da coluna “J” à direita, e a localização da coluna “B” à esquerda, sempre levando-se em consideração quem entra no Templo.

Encerrando, remeto meus imprescindíveis agradecimentos à prestigiosa Revista *“Astréa”*, pela honra que me concedeu, mais uma vez permitindo a ocupação de seu espaço gráfico e, simultaneamente, remetendo minha Tríplice Saudação aos Respeitáveis Irmãos Leitores! ▲



**Não só quanto ao nome, mas a forma das colunas gêmeas também suscita infundáveis discussões. Embora baseadas na descrição bíblica, dependem do Rito e até da moda!**

# ASTRÉA

## UMA BUSCA PERSISTENTE

Ir.: **Francisco “Bonato” Pereira da Silva**, 33º, Membro Efetivo

Iniciado no Grau 4 – *Mestre Secreto* – do Rito Escocês Antigo e Aceito, comecei a galgar os graus da Escada do Rito, sempre buscando literatura para me aprofundar no seu conhecimento. No ano de 1999, recebi a primeira Revista *ASTRÉA*, que imaginei ser uma nova publicação. Depois de algum tempo descobri que ela era editada desde os idos de 1927, época da fundação das *Grandes Lojas do Brasil* e passei a buscar em bibliotecas, livrarias e sebos. Tive algum êxito, encontrando uns poucos exemplares dos anos cinquenta.

Há cerca de quinze anos, tendo alcançado ápice da Escada do R.:E.:A.:A.:, persistia nas ainda minhas buscas quando fui presenteado pelo destino com cópia da *ASTRÉA* dos anos de 1929, 1930 e 1930. A partir de então meu projeto passou a ser encontrar a *ASTRÉA* de 1927.

No início de 2017 recebi, presenteado por meu amigo-Irmão **José Linhares de Vasconcelos**, 33º, Membro Efetivo do R.:E.:A.:A.:, Soberano Inspetor Litúrgico do Ceará, uma cópia da desejada *ASTRÉA*, dos meses de janeiro a dezembro de 1927, e me senti alegre, grato e eufórico, e fui desvendar os mistérios dos textos e ler, de primeira mão, os textos, decretos e outras informações a respeito da separação dos Corpos Maçônicos *Grande Oriente do Brasil - GOB* e *Supremo Conselho do Grau 33 do REAA para os Estados Unidos do Brasil*. Depois, recebi do amigo-Irmão **Anderson Verçosa** a cópia da quase totalidade, digitalizada, da coleção da Revista *ASTRÉA*.

Hoje lembro de agradecer àqueles irmãos que me ajudaram na busca e propiciaram o acesso à essa publicação ímpar do Rito Escocês Antigo e Aceito, em particular nos últimos dezesseis anos, quando, editada pelo Irmão-amigo **João Guilherme**, se tornou repositório de conhecimento maçônico e de cultura.

Nas páginas que se seguem, vamos reproduzir, com a ortografia devidamente atualizada para

melhor compreensão, a mensagem inicial do Soberano Comendador **Mario Marinho de Carvalho Behring**, 33º, o criador das Grandes Lojas brasileiras e o responsável por colocar a Maçonaria Brasileira no formato adotado pela Maçonaria Universal. Tomamos o cuidado de ilustrar com imagens do que ocorria pelo Brasil e pelo mundo para que os Irmãos leitores possam ter uma ideia do contexto da época.

A mensagem de Behring é atemporal, uma advertência séria a todos os Maçons, para quem o cuidado com a ritualística, costumes e tradições do Rito deveria ser permanente.

Na verdade, ela poderia muito bem ter sido escrita ontem!



# 1927

Ipanema na década de 1920



"Chope duplo", o ônibus de dois andares da Light no Rio de Janeiro



Dinheiro quando o país ainda se chamava Estados Unidos do Brasil

**D**e há muito fazia-se sentir no meio maçônico brasileiro a necessidade de uma revista consagrada, pura e exclusivamente, aos estudos de maçonaria.

Da falta de uma publicação desse gênero e de livros que possam guiar os nossos IIR.: em sua carreira dentro da Ord.:, decorre o mal de que todos nos queixamos, com justa razão, a profunda ignorância das cousas maçônicas, de que têm resultado não pequenos danos ao desenvolvimento da Sub.: Inst.: em nosso país.

Sendo a Maç.: como é, de fato, uma escola, o Ap.:, ao penetrar pela primeira vez em nossos templos, não deve ser abandonado às próprias inspirações que, às mais das vezes, o conduzirão por errada trilha. Pelo contrário, ao novo adepto compete aos Mestres encaminhar, esclarecer, guiar e proteger, indo aos poucos, paulatinamente, na medida de seus recursos intelectuais e por sua curiosidade de espírito, descerrando um a um os véus que encobrem nossos mistérios, explicando-lhe a nossa simbologia, a nossa doutrina, expondo-lhe as nossas tradições, porfiando para fazer dele um elemento útil que poderá ser, mais tarde, um dos pilares da Ord.:.

Deixá-lo transviar-se, enveredar por caminhos errados que o conduzirão ao desapareço por incompreensão, ou, o que é ainda pior, às tendências reformadoras por presunçosa ignorância, é um verdadeiro crime. É esse crime eu se está a praticar todos os dias dentro da Maç.: brasileira. No seio dela existem elementos que, se tivessem recebido uma orientação acertada, seriam de real utilidade; entretanto, sem conhecimento mais do que superficial da Ord.:, pela falta de orientação, tornam-se, às mais das vezes, nocivos, convertendo as

Oof.: a que pertencem em campos de luta, esterizando-lhes os trabalhos com discussões inúteis ou retirando-se ao fim de algum tempo inteiramente desiludidos.

**ASTRÉA** deseja ser a carta do ABC dos Aprendizes.

Mas não só a estes se dirigirá. Campo aberto a todas as indagações, a todas as pesquisas, à exposição das ideias e dos fatos, em suas páginas encontrarão todos os IIR.: alguma coisa que lhes seja de utilidade.

Rebuscando os preciosos arquivos de nossa Ord.:, inteiramente desconhecidos da atual geração maçônica, deles desentranhará esta Revista as achegas para a história da Maç.: no Brasil, ainda não escrita.

Das publicações no gênero, no estrangeiro, trasladará para suas páginas aquilo que for de utilidade geral e convenha ao conhecimento dos IIR.: brasileiros.

Em suas páginas colaborarão os IIR.: MM.: espalhados pela vastidão do nosso território que nelas entrarão em comunhão espiritual uns com os outros.

Artigos doutrinários, artigos de propaganda, matéria exclusivamente maçônica, notas sobre a Ord.: em geral, sobre as Oof.: espalhadas pelo território pátrio, tudo isto terá guarida nas páginas de **ASTRÉA**, que recusará apenas artigos de polêmica e de caráter pessoal que tanto desprestigiam a imprensa maçônica em nosso país.

Aos problemas de caráter político-social não é indiferente nem pode ser a nossa Sub.: Ord.: que, entretanto, repele, condena, proíbe os de caráter restritamente político que sempre descambam para o terreno do personalismo. Na última reunião dos SSup.: CCons.:, realizada em Lausanne em maio-junho de





Charles Lindbergh voa solo de Nova York a Paris

Cristo Redentor, ainda em construção

**BIBLIOTHECA NACIONAL**

Mario Behring, diretor

1922, por proposta do Sob.: Gr.: Com.: Sp.: Cons.: da Jurisdição Norte dos EE.UU, Leon Abbott, foi aprovada a seguinte resolução:

“Os Delegados a esta Conferência Internacional comprometem-se a empregar todos os esforços e toda a sua influência para que a paz universal seja mantida permanentemente.

Declararam mais que aprovam todos os esforços feitos pelos representantes dos diversos governos para se chegar a uma melhor harmonia, a uma inteligência mais cordial e a melhores relações entre todos os povos do Universo.

Conforme as Antigas Constituições de nosso Rito, o fim de nossa Sociedade é a harmonia, a felicidade, o bem estar e o progresso da raça humana em geral e de cada indivíduo em particular. Nossos Rituais nos ensinam que esse fim só pode ser alcançado pela prática do amor fraternal.

Desejamos, por consequência, recordar a cada membro do Rito que, seja qual for o lugar em que se encontre, seu dever é empregar, em qualquer ocasião e para com toda a humanidade, toda a sua influência pessoal para fazer triunfar esta regra.

Comprometemo-nos mais a empregar nossos esforços os mais eficazes para combater o ódio e a amargura, a ignorância e a superstição; para levar a paz e a alegria, pelas luzes da educação, aos corações e à vida de todos os homens, qualquer que seja sua raça, qualquer que seja sua religião.”

Com as cautelas devidas em uma Conferência em que, apesar de trabalharem sob as leis de um mesmo Rit.:, se encontravam Ilr.: das mais distintas nacionalidades, sabendo-se que a mentalidade é variável de povo a povo e variável tem sido a orientação maçônica de país a país, aí está traçado um programa que em sua vastidão, de que a própria imprecisão dos detalhes alarga o

âmbito, abrange todos os fenômenos a cuja resolução se atiram os corações mais generosos, as inteligências mais cultas, fenômenos que resultam das desigualdades sociais, geradora da dor e da amargura no lar, das tiranias espirituais e temporais, das ambições desviadas que a política dos gabinetes secretos entretém e explora, mantendo, por equívoco, os dissídios entre os povos eu, fraternizados, poderiam laborar pacificamente pelo advento da idade do ouro da humanidade que a fábula nos pinta ter existido nos primórdios da civilização e que os homens de fé, os homens de crença pensam criar em futuro mais ou menos remoto.

Essa a orientação do Rito Escocês.

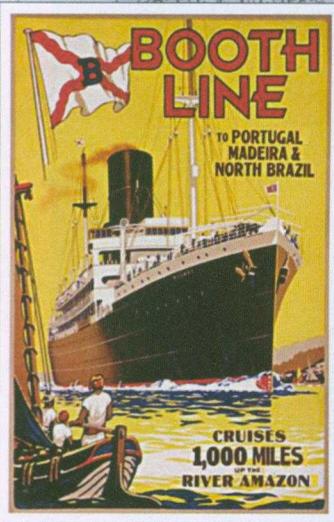
Em suas reuniões, proíbe ele que se discutam assuntos políticos como assuntos religiosos, que servem para criar, no seio das agremiações maçônicas, essa atmosfera de azedume, de mal-estar que não pode existir entre Ir.:. As grandes teses sociais, as que dizem respeito à felicidade mesmo do gênero humano. são da própria essência da Maç.:. Nosso dever é estudá-las e do resultado dos estudos maçônicos derivam muitas das conquistas liberais que formam o orgulhoso padrão da civilização contemporânea.

Ora, esses assuntos encontrarão sempre fraternal guarida nas páginas de **ASTRÉA**, desde que atendam aos princípios acima expostos.

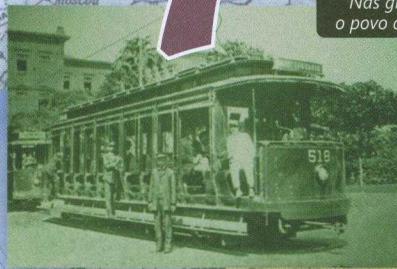
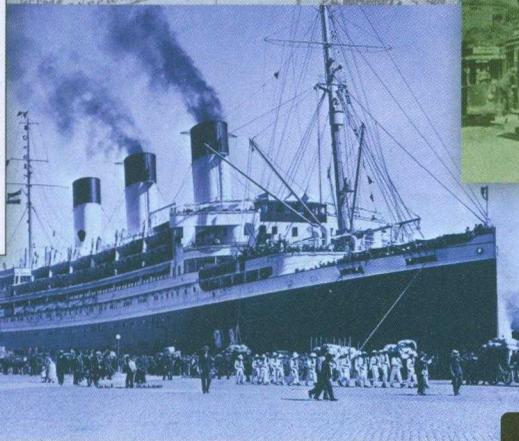
A Maç.: em geral compõe-se de dois elementos, um representando a energia dinâmica e outro a energia estática. Reside aquela nas Lojas, no Simbolismo. Compostos os seus quadros, em geral de MM.: novos, é natural que os trabalhos delas se revistam dessas animações, dessa impulsividade um pouco barulhenta



# 1927



De e para a Europa, só mesmo de navio



Nas grandes cidades, o povo andava de bonde



Plus ça change, plus c'est la même chose: nada mudou!

Storni. Careta, 19/02/1927. Apud: Renato Lemos (org.). Uma história do Brasil através da caricatura. 1840-2006

e desorientada às vezes, mas de real eficiência e utilidade muitas, dessa agitação algo desordenada, desequilibrada, que carece de ser corrigida, ser temperada, para não descambar em excessos perigosos, pelos elementos de ponderação, as oficinas de altos graus que representam o elemento estático, conservador, tradicionalista, que modera os ardores próprios da mocidade com as reflexões das gentes amadurecidas pelo estudo, pelo trabalho, pela experiência.

Do equilíbrio, do justo equilíbrio destas duas forças, destas duas correntes, dessas duas energia sé que deriva o progresso sereno da Ord.: Maç.:. Se se rompe, se uma dessas forças supera a outra, se se dá o desequilíbrio fatal, temos vencedora a corrente dinâmica, a Maç.: precipitando-se na corrente dos partidos políticos, desprestigiando-se, enfraquecendo-se, aniquilando-se; se é a energia estática que domina, anquilosase o organismo maçônico na pompa ritualística, jogo de futilidades, sem destino maior que o de corresponder a delírios de imaginações puerilizadas.

Desta diferenciação deriva justamente a variedade nos assuntos, nas atividades, nas preocupações de umas e outras Oficinas.

**ASTRÉA**, sobre ser órgão oficial do Sob.: Sup.:. Cons.: para os Estados Unidos do Brasil, é uma revista de estudos maçônicos eu não se despreocupará, por isso mesmo, do simbolismo nem de seus assuntos privados ou favoritos.

Dentro do seu papel de orientadora no seio da Maç.: brasileira, nem um dos assuntos diretamente maçônicos ou com que a Maç.: se relacionem poderá ser-lhe estranho, deixará de merecer-lhe o cuidado, a atenção, o estudo.

Nós, MM.: brasileiros, precisamos integrar-nos mais na Maç.: de que, pode-se afirmar sem receio de contestação, certos antes de que afirmamos uma triste verdade, andamos inteiramente alheios.

Só em suas exterioridades tocamos e isso mesmo com mãos tímidas, acanhadas, inexperientes.

O ritual maçônico que é um aprendizado filosófico, inavaliável na sua simplicidade e nos seus efeitos, para a quase totalidade é puro verbalismo mais ou menos brilhante, é fórmula apenas de trabalhos cujo alcance raríssimos percebem, menos aproveitam.

Ora, essa integração só se obtém pelo trabalho indefeso, pelo estudo aplicado, pela reflexão e pela experiência. **ASTRÉA** pretende ser a Loj.: escrita, a Loj.: que irá buscar em sua casa o Ir.: descuidado que não concorre aos trabalhos maçônicos, lembrando-lhe os seus deveres e os seus compromissos.

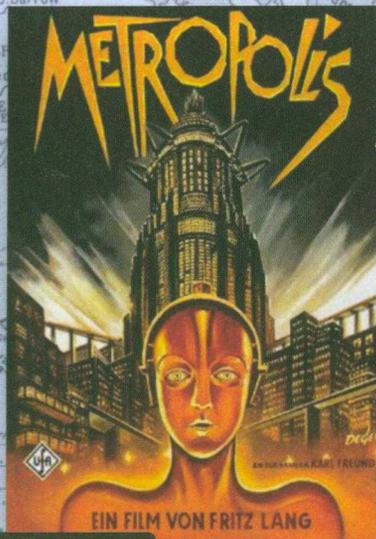
Sem dogmatismos autoritários, cumprirá o seu dever de orientadora com a serena convicção de que está prestando a Maç.: brasileira o maior serviço – o de fazer volver ao trabalho os artífices dele deslembados, contribuindo para o fortalecimento de nossa Ord.: pelo preparo do elemento que fortalece as suas colunas, facilitando-lhe as luzes de eu carece para a perfeita compreensão do labor maçônico – que aqui como em todos os pontos do universo precisa ser eficiente mesmo para justificar a persistência da Maç.: nos dias que correm depois de tantos anos de ação profícua, quando seus eternos adversários afirmam a sem razão de sua existência.

Não vivemos, nem podemos viver do culto apenas das tradições.

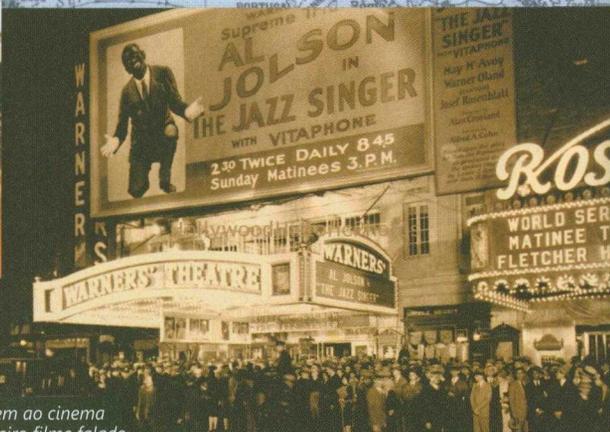
Nossa tarefa não terminou, porque é a fraternização



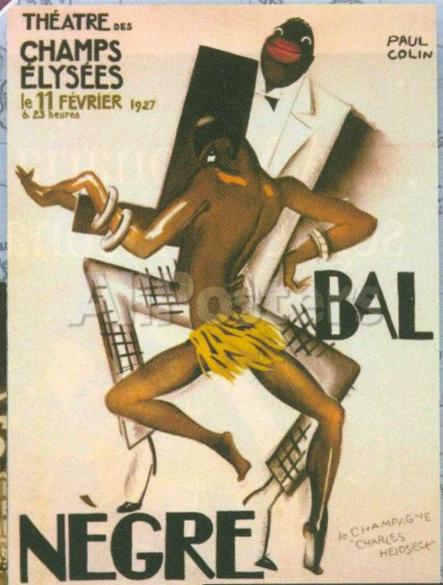
# 1927



O cinema invade e fascina o mundo



Multidões acorrem ao cinema para assistir o primeiro filme falado.



Josephine Baker sacode Paris com sua sensualidade.

humana seu ideal e esse ideal está longe, muito longe ainda de sua cristalização.

Esta revista é uma tuba que soará aos ouvidos de todos os Ilr.: concitando-os à atividade fecunda em prol dos nossos ideais, dos nossos princípios.

*Sine ira ac studio* detalharemos a vida e a obra maçônica dos dias que correm, assigalando-lhes as falhas, buscando corrigi-las.

Que nos auxiliem todos os bons, verdadeiros, fiéis MM.:. A tarefa é árdua. Esperamos vencer para honra, para glória da Maç.: brasileira.

## Segunda etapa

O acolhimento dispensado ao primeiro número desta revista, os aplausos e cumprimentos que pessoalmente nos dirigiram inúmeros Irmãos, as cartas que enchem a nossa mesa de trabalho, todas saudando jubilosas o aparecimento de **ASTRÉA**, tudo isso está a demonstrar quão necessária vinha se fazendo a existência de uma publicação do gênero da nossa, de caráter exclusivamente maçônico e ao aos MM.: servisse para os familiarizar com os trabalhos maçônicos.

O programa que nós traçamos em o número inicial será cumprido à risca, podem ficar certos os nossos Ilr.:. A pura doutrina maçônica inspirará sempre os artigos de **ASTRÉA**, de suas páginas relegadas todas as questões que possam parecer de caráter pessoal e as que não interessem à nossa Ord.:.

Cabe-nos, inicialmente agradecer a todos os Ilr.: que nos trouxeram ou enviaram cumprimentos por nosso empreendimento. E passemos adiante.

O fenômeno mais alarmante que se constata estar ficando comum ns meios da Maç.: brasileira é a profunda ignorância revelada pela generalidade dos Ilr.: das coisas maçônicas.

Não é apenas o desdém pelo estudo dos rituais, que eles só constituem campo de cogitações capaz de preencher uma existência e mais; é a própria forma da Inst.: que se ignora, como se ignoram os métodos de trabalho, a sua difusão pelo Universo, as relações que entre si estreitam as modalidades de organização, os dispositivos categóricos sobre a regularidade maçônica, tudo enfim quanto dá ao Ir.: autoridade bastante para poder opinar sobre esses assuntos.

O que se vê, entre nós, é justamente o contrário.

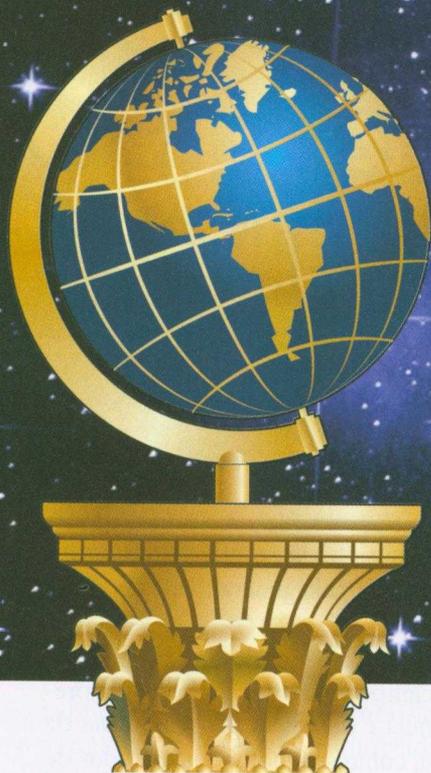
Opinam, quase sempre, os mais ignorantes nessas matérias, animados apenas da louca pretensão de poderem, com seus conhecimentos profanos, penetrar na arquitetura maciça da morfologia maçônica.

Ora, nada mais precário do que essa intervenção desautorizada, nada mais perigoso pelos resultados que dela podem derivar para a Ord.:.

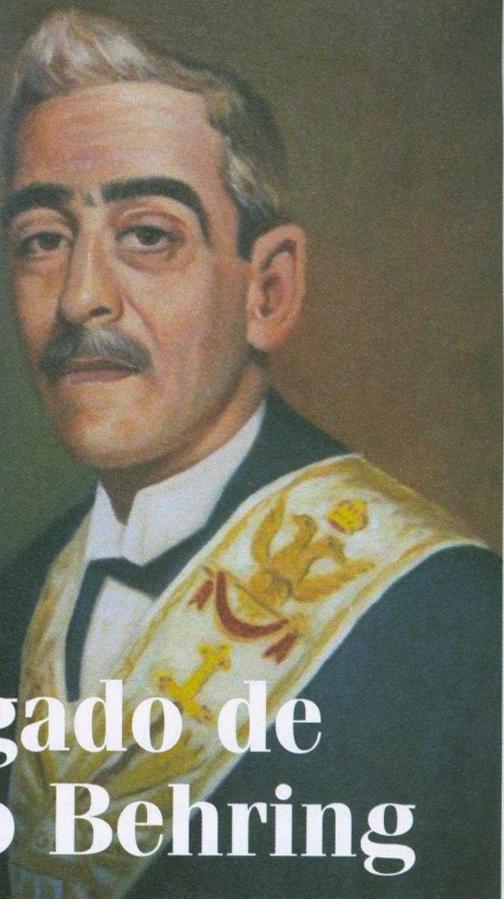
Daí o propósito de irmos, nestas páginas, ministrando, pouco a pouco, esses conhecimentos aos Ilr.:. A leitura de **ASTRÉA** bastar-lhes-á, talvez, para fazê-los aprender o que, sem ela, ignorariam toda a existência, quem sabe? ▲



# A Maçonaria Brasileira segue a Maçonaria Universal



## O Legado de Mário Behring



Ir.: João Guilherme C. Rbeiro, 18º

**O**xigênio e hidrogênio existem em estado livre na atmosfera. Mas é necessária que uma centelha sirva como catalizador para que dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio se combinem para formar a água essencial à vida. Há poucas semanas os Maçons brasileiros foram expostos a um formidável catalizador, uma experiência única.

De 25 a 28 de janeiro de 2018, a **Grande Loja de Nova York** convidou Maçons de muitos países à *First Internacional Grand Lecturers' Convention* (Primeira Convenção Internacional dos Grandes Instrutores), para demonstração do trabalho realizado nos Graus Simbólicos pelas Lojas sob sua jurisdição. A apresentação primorosa dos Irmãos da **Mariners Lodge Nº 67** fez muito mais do que despertar admiração e respeito. As cerimônias foram im-

pecavelmente interpretadas de cor, por Maçons vestidos a caráter. Sim, interpretadas, não apenas monotona-mente lidas. A beleza do que testemunhamos nos remeteu aos primórdios e à essência... sim, do **Rito Escocês Antigo e Aceito!**

Lamentavelmente, o advento da república brasileira trouxe na bagagem a necessidade de anestesi- ar a memória. Não caberia a um movimento de intelectuais assassinar a Família Real, como fariam os bolcheviques mais tarde em Ekaterinburg. Melhor assassinar a memória. E, aí, as cores da bandeira brasileira passaram a representar o verde das matas e o amarelo das riquezas minerais, não mais as cores do Casal Imperial, o verde da casa dos Bragança e o amarelo da casa dos Habsburgos. O palácio da Quinta da Boa Vista virou Museu de História Natural e a monarquia que uniu

e consolidou o Brasil foi desterrada pela cláusula pétrea...

Infelizmente, o mesmo tipo de atitude infectou a Maçonaria. Do mesmo modo que oligarcas republicanos enfiaram goela abaixo do povo um regime estranho, submeteram o povo às consequências do arbítrio de sua maneira amadorística de governar por tentativa e erro e ao sabor de interesses, muitos inconfessáveis. O que vemos hoje no Brasil – ainda bem que despertado pelas redes sociais! – nada mais é do que consequência funesta de desprezar a história, as tradições, os usos e os costumes, como se o passado nada tivesse a ensinar. O bom senso deu lugar aos achismos de toda ordem...

Não tem sido diferente na Maçonaria – e desde há muito.



"Sendo a Maç.: como é, de fato, uma escola, o Ap.:., ao penetrar pela primeira vez em nossos templos, não deve ser abandonado às próprias inspirações que, às mais das vezes, o conduzirão por errada trilha. Pelo contrário, ao novo adepto compete aos Mestres encaminhar, esclarecer, guiar e proteger, indo aos poucos, paulatinamente, na medida de seus recursos intelectuais e por sua curiosidade de espírito, descerrando um a um os véus que encobrem nossos mistérios, explicando-lhe a nossa simbologia, a nossa doutrina, expondo-lhe as nossas tradições, porfiando para fazer dele um elemento útil que poderá ser, mais tarde, um dos pilares da Ord.:.

Deixá-lo transviar-se, enveredar por caminhos errados que o conduzirão ao desapego por incompreensão, ou, o que é ainda pior, às tendências reformadoras por presunçosa ignorância, é um verdadeiro crime. E é nesse crime eu se está a praticar todos os dias dentro da Maç.: brasileira. No seio dela existem elementos que, se tivessem recebido uma orientação acertada, seriam de real utilidade; entretanto, sem conhecimento mais do que superficial da Ord.:., pela falta de orientação, tornam-se, às mais das vezes, nocivos, convertendo as OOf.: a que pertencem em campos de luta, esterizando-lhes os trabalhos com discussões inúteis ou retirando-se ao fim de algum tempo inteiramente desiludidos."

Isso foi dito em 1927, no primeiro número da *ASTRÉA*, nada menos do que pelo Soberano Grande Comendador **Mário Behring**.

A experiência traumática de ver representados os Graus Simbólicos do Rito de York pelos Irmãos da *Mariners Lodge* foi o catalizador que me levou a repensar muita coisa. No primeiro volume do +Fios da Meada, eu havia apresentado as provas de que os Graus Simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito foi inspirado no Rito de York, quando a *Concordata* de 1804, pela qual os Maçons do *Grande Oriente de França* poderiam seguir os Atos

Graus do 4º ao 33º no *Supremo Conselho de França*, foi denunciada em 1814, com a queda de **Napoleão Bonaparte**. Ao buscar um modelo para os Graus Simbólicos que decidira adotar em seu currículo, o *Supremo Conselho de França* baseou-se em uma inconfiabilidade publicada na Inglaterra em 1760, *Three Distict Knocks* (Três Batidas Distingas), nada mais nada menos do que o ritual dos Antigos, por sua vez baseado no ritual irlandês.

O ritual dos *Antigos* atravessou o Atlântico e nos foi apresentado ao vivo e em cores por uma Loja que o pratica desde sua fundação, que ocorreu em 1826!

Foi traumático, porque viajei trinta anos ao passado, quando de minha *Iniciação a Aprendiz Maçom, Passa-*

*gem a Companheiro Maçom e Elevação a Mestre Maçom*<sup>(1)</sup>. As palavras do ritual, praticamente as mesmas, sacudiram minha memória e me emocionaram diversas vezes quase às lágrimas. A mim, pelo menos, parecia uma síntese, aquele mergulho ao passado. E me trouxe uma reverência enorme por **Mário Marinho de Carvalho Behring**. Não pretensão alguma de que este artigo seja uma biografia, mas um merecido e reverente resgate de seu nome.

**Que os Graus Simbólicos do Rito Escocês e do Rito de York tenham origem comum ficou bem claro nas cerimônias brilhantemente interpretadas pelos Irmãos da Mariner's Lodge nº 167, da Grande Loja de Nova York.**

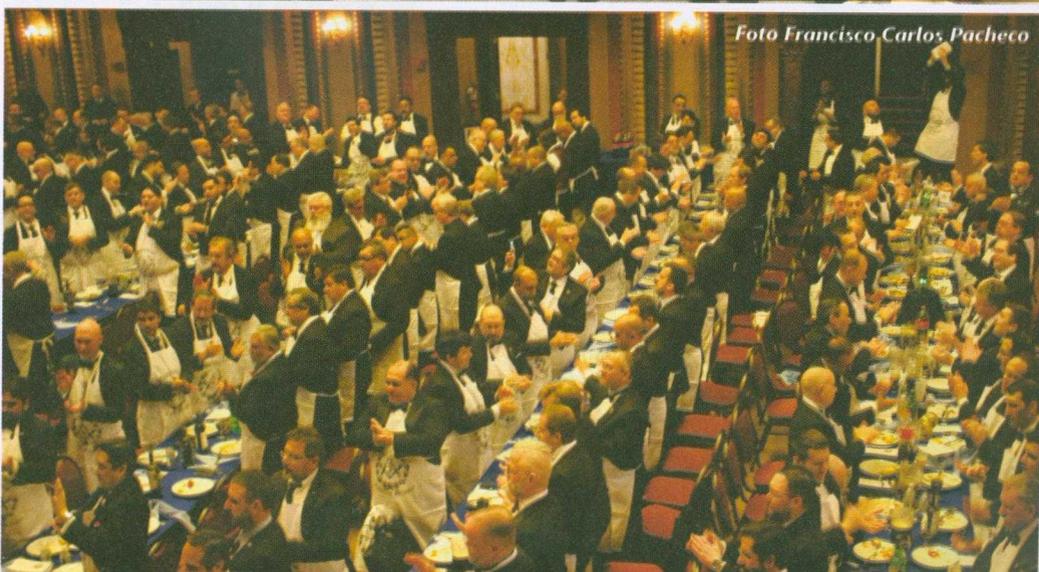


Foto Francisco Carlos Pacheco

Por anos, no folclore maçônico, principalmente no **Grande Oriente do Brasil, Behring** foi o “homem que dividiu a Maçonaria”. Anos a fio, tenho visto o rancor com que ele é retratado, inclusive por grandes autores e amigos pessoais.

Mas... será mesmo?

A Maçonaria brasileira jamais foi isenta de disputas, intrigas e cisões. Pelo contrário! A maioria sempre foi polêmica, para dizer o mínimo. Não estou questionando as que envolvem **Behring**, mas ele e muitos Maçons têm alvo de injustiças e atitudes mesquinhas.

Basta citar o caso de **Nicola Aslan**, o mais intelectual dos historiadores maçônicos de sua época. Em vez de preservado e prestigiado, foi perseguido e expulso de uma Potência por contrariar interesses de uma casta.

No **GOB**, a criação da **Grande Loja Distrital da United Grand Lodge of England**, tão vilipendiada como amostra do “imperialismo” inglês, criada como resultado do tratado de 1912, nada mais foi do que o resultado da Potência inglesa buscar preservar a tranquilidade dos Maçons ingleses no Brasil, separando-os das fofocas e conspirações que

sempre correram soltas pelas ambições paroquiais e vaidades incompatíveis com os princípios da Ordem. Eu estive na Biblioteca de *Freemasons' Hall* com o Ir.: **Jorge Pessoa** e examinei todos os documentos relativos àquele tratado, incluindo cartas confidenciais de Maçons ingleses que desejavam praticar sua Maçonaria, sem envolver-se nas nossas mazelas e disputas intermináveis!

Nada mais injusto do que a pecha de demolidor da unidade maçônica que jogam em **Behring**. Além de injusta, é absurda e completamente inconsistente com os fatos, uma espécie de caça às bruxas, a busca de um bode expiatório para ocultar uma situação já de decadência.

E quantas cisões tivemos antes e depois de 1927? Ora, por favor!

Como lembrou o historiador **Kennyo Ismail**, o modelo do **Grande Oriente de França** já estava obsoleto, fora de esquadro na Maçonaria Universal. Quando o *Rito de Perfeição* (ou *Heredom* ou que nome lhe seja dado) chegou no recém independente Estados Unidos para se transformar no R.:E.:A.:A.:, em 1801, já encontrou uma Maçonaria

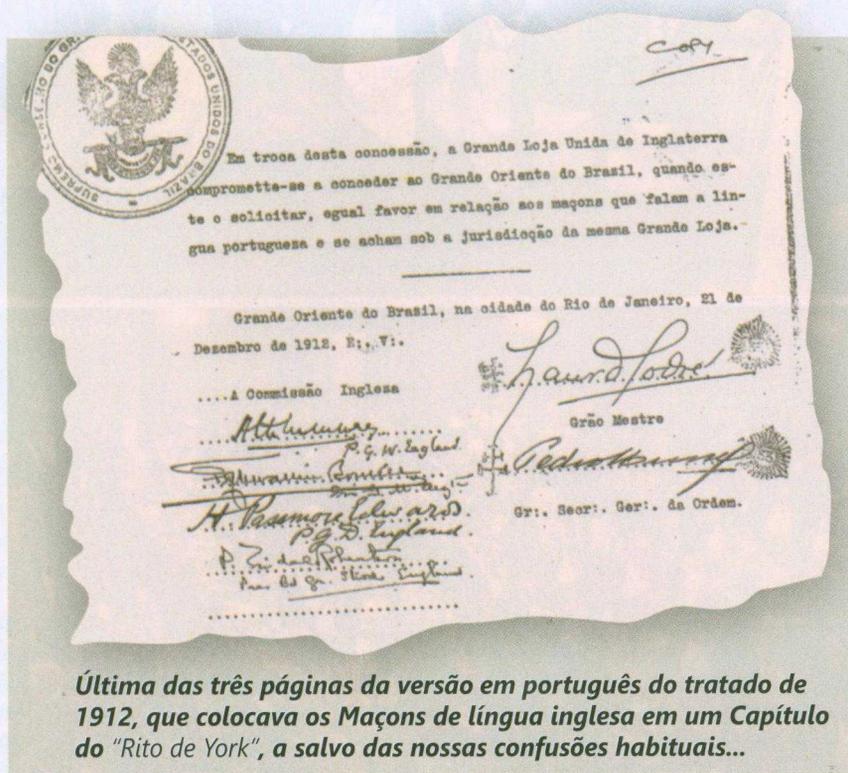
organizada e forte, com Grandes Lojas em todos os estados existentes já consolidadas ou sendo moldada nos estados em formação. Lá, nos Estados Unidos, os Altos Graus do Rito Escocês tomaram forma e foram exportados para a França, do 4º ao 33º.

Da mesma forma, o já existente Rito de York foi desmembrado, ficando os Graus Simbólicos (que vimos representados em Nova York) com as **Grandes Lojas** e os Graus Capitulares e as Ordens de Cavalaria sob a jurisdição de **Grandes Corpos** então formados. Por isto, quando o Rito Escocês retornou à França, em 1804, não foi do grau 1 ao 25, como no *Rito de Perfeição*, mas sim do 4º ao 33º.

A divisão da Maçonaria em Graus Simbólicos e Altos Graus estava consolidada.

Prova disso foi dada na **3ª Conferência Internacional dos Supremos Conselhos**, realizada de 29 de maio a 2 de junho de 1922, em Lausanne, na Suíça. **Behring**, homem culto, poliglota – que segundo o próprio **Kurt Prober** era, desde agosto de 1907, o representante junto ao **GOB** do **Supremo Conselho da Bélgica** e das **Grandes Lojas de Cuba e Haiti** – sabia da determinação da **3ª Conferência**, que **Castellani** transcreve:

“Cada Supremo Conselho deve ser soberano e livre de qualquer direção por parte de qualquer Corpo ou organização maçônica, no processo de escolha dos seus membros, na eleição de seus oficiais, no tempo de exercício das respectivas funções, na adoção dos estatutos, na relação que mantém com os diversos Corpos que lhe são subordinados em sua jurisdição, respeitados os direitos das Grandes Lojas regulares, que dirigem os três primeiros Graus da Antiga Maçonaria. Conforme as Grandes Constituições Escocesas e a Resolução acima, os membros do Supremo Conselho devem ser escolhidos, exclusivamente, pelo processo de seleção, não se admitindo que as Grandes Lojas ou outras quaisquer corporações maçônicas



Última das três páginas da versão em português do tratado de 1912, que colocava os Maçons de língua inglesa em um Capítulo do “Rito de York”, a salvo das nossas confusões habituais...



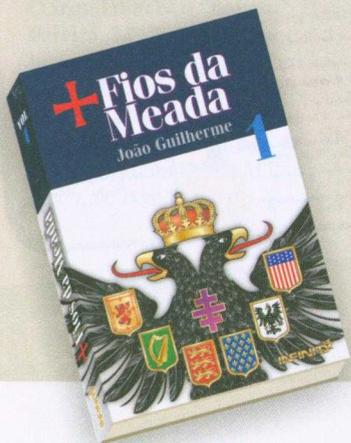
# Cronologia simplificada

intervenham direta ou indiretamente, seja na eleição dos oficiais ou mesmo na de Grande Comendador.”

À época, somente os países de matriz cultural maçônica francesa, entre outros Portugal, Espanha e América Latina, ainda persistiam no modelo misto. Na grande maioria da Maçonaria mundial, a separação entre Simbolismo e Altos Graus ou estava consumada ou ganhava corpo. Foi **Behring** quem se dispôs a fazê-lo no Brasil. Reeleito em 1925 – como sempre na Maçonaria brasileira, com deserções e acusações de fraude – ainda assim prosseguiu em seu intento.

Reportando ao que eu disse em **+Fios da Meada**, “[...] com a eleição sob suspeita de fraude, ele e os outros dois candidatos propuseram sua anulação e a realização de uma nova. Logo depois, **Behring** renunciou ao cargo de Grão-Mestre, mas continuou Soberano Grande Comendador. A nova eleição elegeu **Vicente Saraiva de Carvalho Neiva**, que assumiu em dezembro de 1925, mas faleceu em fevereiro de 1926. Assumiu então **João Severiano de Fonseca Hermes**, que, em 30 de junho de 1926, firmou um tratado estabelecendo que, no Rito Escocês Antigo e Aceito, os Graus Simbólicos ficariam com o **Grande Oriente do Brasil** e os Altos Graus com o **Supremo Conselho**, aprova

**A disputa política apaixonada obscurece a essência dos fatos. Décadas depois, ainda é difícil dissecar causas e consequências do Cisma de 1927.**



Mário Marinho de Carvalho Behring

1921

**Mário Behring** eleito Grão-Mestre & Soberano Grande Comendador do **Grande Oriente do Brasil**.

1922

Conferência Internacional dos Supremos Conselhos em Lausanne resolve: Supremos Conselhos devem ser soberanos e independentes.

1925

Mário Behring reeleito, renuncia como Grão-Mestre do **GOB** e permanece Soberano Grande Comendador.

1926

**Vicente Saraiva de Carvalho Neiva** eleito Grão-Mestre.

Carvalho Neiva falece.

**João Severiano de Fonseca**

**Hermes** eleito Grão-Mestre.

Tratado Fonseca Hermes & Mário Behring: *Graus Simbólicos* REAA – **GOB**; *Altos Graus* REAA – Supremo Conselho. Assembleia aprova.

**Fonseca Hermes** renuncia.

**Octavio Kelly**, GM Adj assume como Grão-Mestre e tenta cancelar tratado.



Vicente Saraiva de Carvalho Neiva

1927

**Mário Behring** desvincula o **Supremo Conselho** do **Grande Oriente do Brasil**.

**Octavio Kelly** tenta recompor um **Supremo Conselho** ligado ao **GOB**.

**Behring** rompe com o **GOB**.

Três Lojas da Bahia rompem com o **GOB** e recebem Carta Constitutiva do **Supremo Conselho** para formar a primeira **Grande Loja**.

Mais oito **Grandes Lojas** recebem Cartas Constitutivas do **Supremo Conselho de Behring**.



João Severiano de Fonseca Hermes

1929

IV Congresso dos Supremos Conselhos em Paris declara regular o **Supremo Conselho de Behring** e irregular o do Grande Oriente do Brasil, por não ser independente e soberano.

1952

Finalmente o **GOB** torna-se Potência Simbólica ao separar-se do **Supremo Conselho** criado por **Octavio Kelly**



Octavio Kelly



do em Sessão da Assembleia Geral em 7 de outubro de 1926 e homologado em 27 de outubro pelo Grão-Mestre.”

O problema que levou à Cisão surgiu quando o Grão-Mestre **Fonseca Hermes**, não aguentando a pressão, renunciou e o Grão-Mestre Adjunto **Octavio Kelly** assumiu o Grão-Mestrado e quis também para si o posto de Soberano Grande Comendador. A vaidade pessoal e os interesses da claue desejosa do poder colocariam o **GOB** na contramão da Maçonaria Universal até 1952, quando finalmente deixou de ser Potência mista<sup>(2)</sup>.

Como consequência, em 1929, na **Quatrième Conférence Internationale des Suprêmes Conseils du 33e. degré – Rite Écossais Ancien Acceptè** (4ª Conferência Internacional dos Supremos Conselhos do Rito Escocês Antigo e Aceito), o **Supremo Conselho de Behring** foi aceito e o reconstituído por **Kelly**, desconsiderado.

Voltando a 1927, ao tentar anular as ações de **Behring** e anular o tratado de 1926, **Kelly** empurraria fatalmente o drama para seu desfecho final. O Ir.: **Joaquim Pires**, que têm adornado as páginas da **ASTRÉA** com sua erudição, assim resume o momento do Cisma em seu artigo *Paris, 1929*:

“durante histórica sessão, que se realizou em 17 de junho de 1927, em um salão profano (Centro galego), situado na Rua da Quitanda, nº 32, o Irm. **Mário Behring** (no cargo de Soberano Grande Comendador) desvinculou, do **Grande Oriente**, o **Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito**, asseverando que só o referido **Supremo Conselho** possuía o direito de escolher sua própria administração”.

Com a proibição que impedia os Maçons do **GOB** de seguir seus estudos nos Altos Graus do Rito Escocês, não houve alternativa ao **Supremo Conselho do Rito Escocês** a não ser a criação de sua própria fonte de Mestres Maçons, outorgando Cartas Constitutivas às **Grandes Lojas Estaduais** brasilei-

ras. Direta ou indiretamente, todas, repito, todas as **Grandes Lojas** brasileiras confederadas à **CMSB** descendem dessas Cartas. Melhor ainda, podem dizer que têm data de nascimento, certidão legal e rituais originais.

Os “achistas”, na sua pretensiosa ignorância, invocam uma pretensa “soberania” como justificativa para “melhorar” os rituais legados por **Mário Behring**, melhor fariam se ocupassem seu tempo para estudar e aprender, em vez de deturpar herança tão legítima. O que vimos em Nova York comprova a força da tradição maçônica. O que transparece, quando Maçons mantêm o que lhes foi passado, é de uma significação imensa. É a voz do passado, o exemplo vivo da mensagem que deve estar presente no coração e mente dos Maçons. Não há futuro para os que não respeitam esse passado, nem identidade, nem possibilidade autoestima. O Maçom, sem o arcabouço protetor da tradição, é presa fácil para todo tipo de fraudes, inerme frente a perseguições, amorfo que nada contribui para a sociedade, enfim, um nada, um zero à esquerda! Estamos vendo isto a toda hora, na internet e em todos os veículos de comunicação, por mais caros que sejam.

Por isto, a transcrição de parte da **ASTRÉA** Nº 1, obtida graças aos esforços do Ir.: **Francisco ‘Bonato’ Pereira da Silva**, Membro Efetivo deste **Supremo Conselho**, estudioso e historiador, que é apresentada nas páginas deste número da **ASTRÉA**, ao reviver a voz original de **Behring**, louva a iniciativa de diversas **Grandes Lojas** conscientes, como a de **Minas Gerais**, de retorno aos rituais simbólicos originais de 1928. O trabalho realizado pelo Ir.: **Carlos Roberto Roque**, também Membro Efetivo, ritualista e historiador, merece o aplauso e o louvor da imitação! ▲

## Notas

(1) Não, não estou cometendo pecado algum de revisionismo inconsequente ao falar em “Elevação”. É desta forma que os Graus são intitulados por lá. Se você pensar bem, dá para chamar de Exaltação quando para o Maçom, no Grau 3, HZ AZ está morto, o TempZ inacabado e a PaZ perdida? Mas isto é assunto para outro artigo...

(2) Por favor, não confundam: antes que venha a gritaria, quero dizer que Potência mista, aqui, tem o sentido não de Potência que tem Lojas femininas, mas da que engloba Graus Simbólicos e Altos Graus!





# O Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito no Brasil

## 2. Instalação e Administração Montezuma (1832–35)

Ir.: Francisco “Bonato” Pereira, 33º  
Membro Efetivo



O Ir. Francisco “Bonato” Pereira, 33º PGM, escritor e historiador, além de Membro Efetivo do Supremo Conselho de Mário Behring, é Soberano Grande Inspetor Litúrgico da 1ª Inspetoria Litúrgica Mário Mello, de Pernambuco.

### Fundação do Supremo Conselho

O *Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito para o Império do Brasil* foi fundado a 12 de novembro de 1832, cidade do Rio de Janeiro, sede da Corte Imperial, por Francisco Gê Acaiba de Montezuma, com Patente – quer dizer, autorização – outorgada pelo *Supremo Conselho do REAA para o Reino dos Países Baixos*, com sede em Bruxelas, a 12 de março de 1829.

### A autorização do Supremo Conselho dos Países Baixos

Montezuma, exilado na Europa pelo Imperador Pedro I com os irmãos Andradas, ali passou exercer a profissão de advogado em cidades da França e dos Países Baixos, particularmente Paris e Bruxelas, adquirindo clientela e amizades que lhe abriram as portas, inclusive da Maçonaria. Na Bélgica, ingressou na Ordem, sendo recebido como Grande Inspetor Geral do *Supremo Conse-*

O número anterior da *Astréa* publicou a *Introdução da História do Rito Escocês Antigo e Aceito*, com a fundação do seu *Primeiro Supremo Conselho* em 1801, em Charleston (USA), e os primórdios do *Supremo Conselho do REAA do Brasil*. Neste segundo artigo, queremos registrar detalhes da sua fundação, das Administrações de **Montezuma** (1832-1835) e de **Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado** (1835-1840), trazendo ao conhecimento da jurisdição fatos relevantes de sua História.

*lho dos Países Baixos*, do qual recebeu autorização para fundar Corpo semelhante no Brasil (1829).

Em 1831, **Montezuma** retornou ao Brasil e, a 12 de novembro de 1832, fundou o *Supremo Conselho do Grau 33 para o Império do Brasil*, ocupando o cargo de Soberano Grande Comendador, tendo **David Jewett** no cargo de Lugar Tenente Comendador. Logo em seguida, em 5 de dezembro, filiou e investiu novos membros no Grau 33: **Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado**, **José Bonifácio de Andrada**, **Cândido Ladislau Japiassu** e **Luiz Mendes Vasconcelos Drummond**. O próximo passo de **Montezuma** foi expedir comunicação aos Supremos Conselhos do REAA existentes. (PROBER, 1968, 353)

### Os fundadores

Na lista de fundadores do *Supremo Conselho para o Império do Brasil* estão, além do próprio **Montezuma**, os Irmãos **David Jewett**, Almirante da Armada Imperial; **José Bonifácio de**





**Vista do Rio de Janeiro, em frente da igreja do mosteiro de São Bento, por volta de 1825, por Johann Moritz Rugendas (1802-1858)**

José Pereira Pinto foram nomeados Secretários Gerais Adjuntos. (PROBER, 1981, 37)

## Manifesto de Montezuma

Montezuma, ainda Soberano Grande Comendador, encaminhou aos Supremos Conselhos do REAA existentes o Manifesto de 12 de março de 1832, comunicando a fundação, a 9 de dezembro de 1832, do *Supremo Conselho para o Império do Brasil do Rito Escocês Antigo e Aceito*, que transcrevemos abaixo na grafia da época.

O SUP.: CONS.: DO GR 33 DO RITO ESC.: ANT.:.: E AC.:

LAUS DEO

S.: S.: P.:

O Sup.: Cons.: para o Império do Brasil do Rit.: Esc.: Ant.:. e Acc.:., considerando que a Maç.: não tem sido desde a sua origem senão o asylo do Genero Humano e a Assembleia dos Homens Virtuosos, sem distincção de Religião, Linguagem ou Paiz, tendo por Templo a Natureza e por Pátria o Universo, se apressa a comunicarvos MM.: II.: a sua solemne installação que teve logar debaixo da abóbada celeste do Zenith 23 graos de Lat.: Sul na cidade do Rio de Janeiro, aos dias do 8º mez do corrente anno da V.: L.: 5832 com todas

Andrada, Ministro do Império e Conselheiro Imperial; Antônio Carlos de Ribeiro de Andrada, Desembargador e Ministro da Justiça; Cândido Ladislau Japiassu, Desembargador e Deputado Geral; José Carlos Pereira de Almeida, advogado e Deputado Geral; José Pereira Pinto, Deputado Geral; Francisco de Paula D'Almeida Albuquerque, advogado e Deputado Geral; e Luiz de Vasconcelos Drummond, Advogado e Diplomata. (PROBER, 1981, 27).

O *Supremo Conselho do Brasil*, instalado a 12 de Novembro de 1832, foi o décimo em ordem de organização, antecedido pelos *Supremos Conselhos dos Estados Unidos da América*, *Jurisdicção Sul* (1801), das *Índias Ocidentais Francesas* (1804), *da Itália* (1805), *da Espanha* (1806) e mais outros cinco.

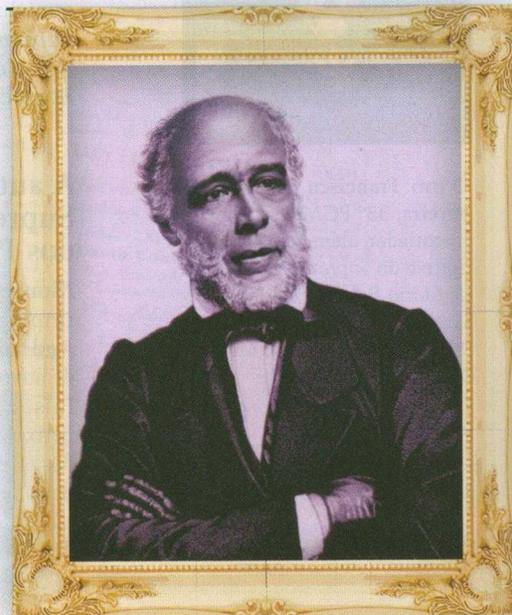
## Mudança da Administração

A administração do *Supremo Conselho* composta por Montezuma e Jewett teve vida efêmera, apenas 82 dias, de 12 de novembro de 1832 a 5 de fevereiro de 1833, quando Jewett se demitiu. Montezuma convidara Maçons do *Grande Oriente Brasileiro* para integrar o *Supremo Conselho*, sem consultar Jewett. Este, ao encontrá-los na sede do *Supremo Conselho*, na Praça da Ajuda, a 5 de dezembro de 1832, opôs-se à sua iniciação, alegando serem do

Rito Moderno, não do REAA. Montezuma recusou a ponderação de Jewett e iniciou no Grau 33 os Irmãos Antônio Carlos de Ribeiro de Andrada, José Bonifácio de Andrada, Candido Ladislau Japiassu, João Antão Cezar d'Andrade, Antonio Barreto Pereira Pedroza, João Fernando Lopes, José Carlos Pereira de Almeida, Fidelis Miguez Bastos, José Pereira Pinto, Francisco de Paula d'Almeida Albuquerque, Manoel Antonio Teixeira, Luiz Mendes Vasconcelos Drummond, Camilo Caetano dos Reis e mais outros no Grau 32, que passaram a integrar o *Supremo Conselho*. Jewett enviou carta a Montezuma, datada de 17 de fevereiro de 1833, renunciando ao *Supremo Conselho* e ao cargo de Lugar Tenente Comendador. (PROBER, 1981, 37)

Demitindo-se Jewett, Montezuma recompôs a administração, nomeando Antônio Carlos de Ribeiro de Andrada, Lugar Tenente Comendador; Candido Ladislau Japiassu, Secretário Geral do Santo Império; José Bonifácio de Andrada, Grande Chanceler Guarda do Selo; Luiz Mendes Vasconcelos Drummond, Grande Tesoureiro; Camilo Caetano dos Reis e

## Montezuma e sua assinatura como Visconde de Jequitinhonha



*Visconde de Jequitinhonha*



as formalidades estabelecidas pelas Constituições, Estatutos e Regimentos da Ord.: datados de Berlim no dia 1º de Maio de 1786 e em virtude dos Poderes confiados pelo M.: Pod.: Sup.: para o Reino dos Países Baixos (\*), do Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.: ao M.: I.: I.: Montezuma, Membro do Corpo Legislativo do Império do Brasil.

O Sup.: Cons.: comunicando-vos este importante sucesso para a Maç.: em geral e em particular para a América não hesita um instante que este novo Anel unido à Grande Cadêa dos filhos de Heredom, merecerá de vossas virtudes maçônica todo o acolhimento e fraternal amizade, base fundamental da nossa sublima Instituição.

Assim como a Maçonaria impõe aos Ilr.: mais velhos o dever sagrado de assistir e ajudar os mais moços com seus conselhos e prudência, assim a Maç.: este monumento majestoso de Sabedoria Humana, vos impõe o dever de ajudar-nos com vossas Luzes na azinhaga espinhosa da Virtude, a fim de que possamos, um dia conseguir o grão de esplendor e de força dignos da Ord.: que professamos. Dirigindo-nos a Vós, MM.: CC.: II.: confessamos nossos deveres ao mesmo tempo que reclamamos nossos direitos.

Deus derrame sua graça, com abundância sobre os Eleitos na M.: Dignos M.: Ilustres e Honrados Mestres do Supr.: Cons.: para a França.

Dado na Cidade do Rio de Janeiro, registrado no Livro de Ouro, assignado e sellado aos 9 dias do 12º m.: maçônico do Anno da V.: L.: 5832 (1º de Março de 1832).

Francisco Gê Acaiaba de Montezuma (SGC), Candido Ladislau Japiassu de Figueiredo Melo (GSG-SI).

(Revista ASTRÉA, fev. 1927, 27)

## A fundação de Lojas Simbólicas

Organizado o **Supremo Conselho para o Império do Brasil do REAA**, seus dirigentes fundaram Lojas Simbólicas do Rito para fornecer Obreiros para os Corpos:

- (1) a Loja *Independência* nº 1, no Largo da Ajuda, a 12 de novembro de 1832;
- (2) a Loja *Perseverança* nº 2, a 5 de fevereiro de 1833;
- (3) a Loja *Segredo* nº 3, do Rito Francês, se desligou do GO Brasileiro e mudou para o REAA, filiada a 26 de junho de 1833;
- (4) a Loja *Constituição* nº 4, do Rito Francês, mudou para o REAA, filiada 26 de junho de 1833. (PROBER, 1968, 264)

## Reconhecimento dos Supremos Conselhos da França e da Bélgica

O resultado do Manifesto de Montezuma de 12 de março de 1832 foi o reconhecimento do **Supremo Conselho do Brasil** pelos **Supremos Conselhos da França e da Bélgica**.

O primeiro reconhecimento, do **Supremo Conselho da França**, foi recebido pela Prancha de 15 de agosto de 1833. Veio subscrita pelo SGC, o **Duque de Choiseul-Stanville**, pelo LTC, o **Barão Fréteau de Pény**, pelo GSG, o General **Conde de Fernig** e por **Charles Jube**, Grande Secretário Adjunto, Chefe da Secretaria Geral, onde manifestaram laços de união e de fraternidade entre os dois corpos e reconhecem o **Supremo Conselho do Gr 33 do REAA para o Império do Brasil**. (Revista ASTRÉA, fevereiro 1927, 38)

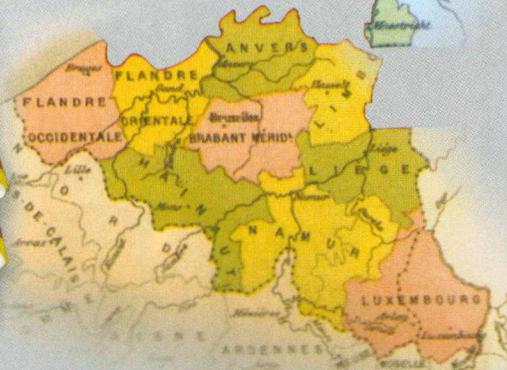
O segundo reconhecimento, do **Supremo Conselho** estabelecido em Bruxelas, de **Príncipes e Soberanos Grandes Inspetores Gerais do Grau 33 e último do REAA e Aceito**, foi recebido quaren-

ta e cinco dias depois, em 29 de setembro de 1833, em Prancha subscrita pelo IrZ **S. J. Stevens**, Soberano Grande Comendador, e pelo IrZ **Carton de Familleneuve**, Grande Secretário Chanceler, e por também pelo mesmo **Charles Jube**, Grande Secretário Geral do Santo Império, onde manifestam laços de união e de fraternidade entre os dois Corpos e reconhecem o **Supremo Conselho do Gr 33 do REAA para o Império do Brasil**. (Revista ASTRÉA, fevereiro 1927, 38-39)

Houve uma tentativa de organizar um **Congresso Internacional dos Supremos Conselhos**, em Paris, em dezembro de 1833. O **Supremo Conselho para o Império do Brasil** seria representado pelo LTC **Antônio Carlos** e pelo GSGSI **Vasconcelos Drummond**. Lá foi assinado, em 23 de fevereiro de 1834, um **Tratado de União, Aliança e Confederação (1834)**, envolvendo alguns **Supremos Conselhos**, incluindo do Brasil e da França, **mas não o dos Estados Unidos, Jurisdição Norte**, como citado na **Astréa**.

(Revista ASTRÉA, fevereiro 1927, 11-15)

**(\*) Na verdade, Mário Behring refere-se aqui ao Supremo Conselho da Bélgica. O Supremo Conselho dos Países Baixos somente seria fundado em 1836. A confusão deve-se a que a Bélgica, onde estava o Supremo Conselho fundado em 1817 e que deu a Carta a Montezuma, separou-se dos Países Baixos em 1830.**



## O idealizador

**Francisco Gê Acaiaba de Montezuma**, fundador e primeiro Soberano Grande Comendador do **Supremo Conselho do Grau 33 do REAA para o Império do Brasil** (PROBER, 1981, 25), nasceu na Bahia a 23 de março de 1794, com o nome de **Francisco Gomes Brandão**, em rica família mestiça. Patriota, lutou pela Independência na Bahia. Proclamada a Independência, dentro espírito nativista, mudou o nome para **Francisco Gê Acaiaba de Montezuma**. Exerceu as funções públicas de Vereador, Deputado Provincial, Deputado Geral, Senador pela Bahia, Conselheiro de Estado, Embaixador do Brasil em Londres, Ministro da Justiça, Ministro de Negócios Estrangeiros, Presidente do Banco do Brasil, Ministro do Império. Recebeu o título de **Visconde de Jequitinhonha** (1854). Membro fundador e primeiro presidente do *Instituto dos Advogados do Brasil* (IAB), organizado a 7 de setembro de 1837 e fundador do *Instituto Histórico e Geográfico do Brasil* (1836), no Rio de Janeiro.

## Demissão de Montezuma

Os membros efetivos do **Supremo Conselho** demitiram **Montezuma** do cargo de Soberano Grande Comendador com o Decreto de 5 de outubro de 1835,

resguardando-lhe as prerrogativas. Eilo, na grafia da época:

O M.: P.: Sup.: Cons.: dos PPP.: SSS.: GGG.: III.: GGG.: 33 e último Gr.: do Rit.: Esc.: Ant.: Acc.: para o Império do Brazil DECRETA:

Que fica por este demittido o I.: Francisco Gê Acaiaba de Montezuma do alto e eminente logar de Sob.: Gr.: Comm.: do Rit.: Esc.: Ant.: e Acc.: para o Imperio do Brazil, ficando com todas as honras de Sob.: Gr.: Comm.: Honor.: e com direito a todos os socorros de que precisar e lhe poder prestar o mesmo Rit.:

O I.: M.: Il.: S.: G.: I.: Gr.: 33 Candido Ladislau Japiassu, Membro do M.: P.: Supr| Con.: Gr.: Secret.: Geral Adj.: do Santo Imperio, expessa as ordens convenientes para a execução do presente Decreto. (PROBER, 1981, 35)

Compreensível a abstenção de **Antônio Carlos de Andrada Machado** e de **José Bonifácio de Andrada**, posto que amigos pessoais de **Montezuma** e beneficiários da decisão.

## Administração Antônio Carlos Ribeiro de Andrada

Os Membros Efetivos do **Supremo Conselho**, a 12 de novembro de 1835, na mesma data em que demitiram **Montezuma** do cargo de Soberano Grande Comendador, elegeram para ocupar o cargo o então Lugar Tenente Comendador, **Antônio Carlos de Ribeiro de Andrada e Silva** pelo Decreto:

O M.: P.: Sup.: Cons.: dos PPP.: SSS.: GGG.: III.: GGG.: 33 e último Gr.: do Rit.: Esc.: Ant.: Acc.: para o Império do Brazil DECRETA:

Que as OOffics.: que se acham debaixo de sua proteção reconhecerão, respeitem e obedeçam de hoje para sempre e proclmem com todas as solenidades do Rit.: ao Ir.: M.: III.: Sob.: Gr.: Insp.: Gr.: 33 Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, como Sob.: Gr.: Comm.: do mesmo Rit.: para o Imp.: do Brazil.

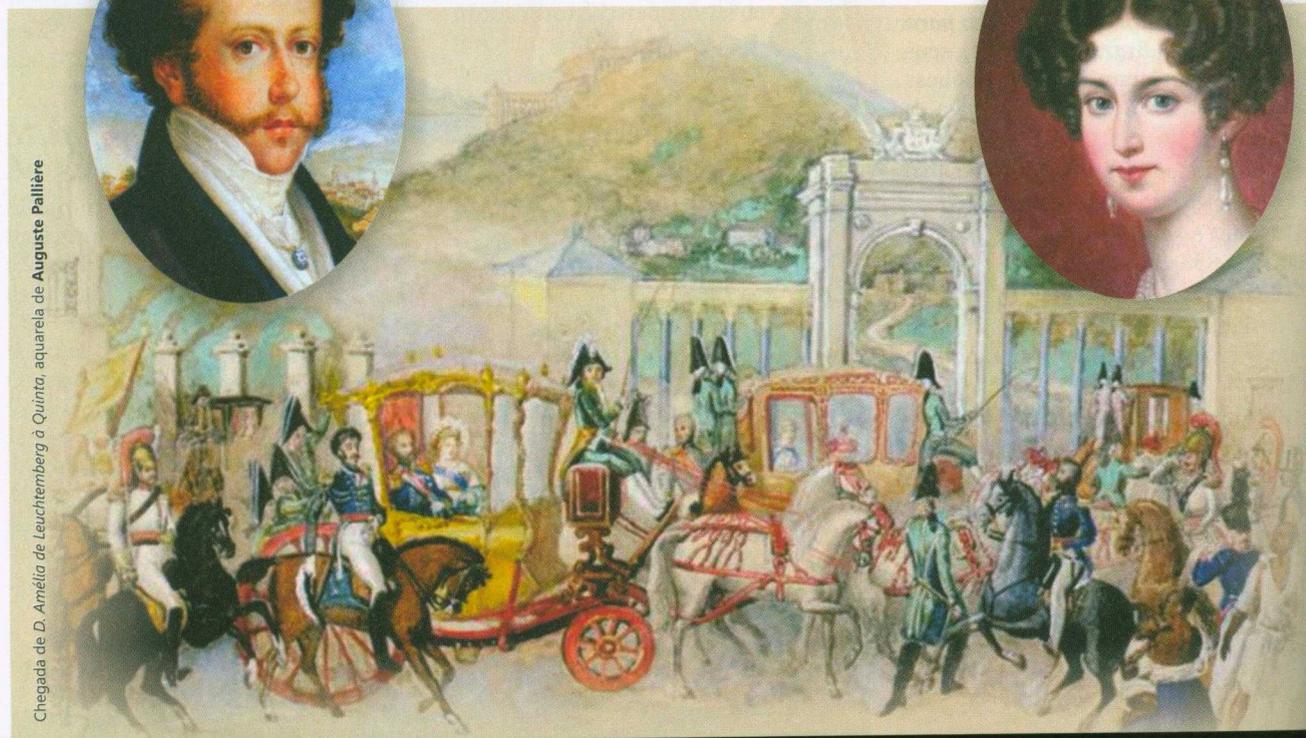
O I.: M.: Il.: S.: G.: I.: G.: 33 Candido Ladislau Japiassu, Membro do M.: P.: Supr.: Cons.: Gr.: Secret.: Geral Adj.: do Santo Império, expessa as ordens convenientes para a execução do presente Decreto.

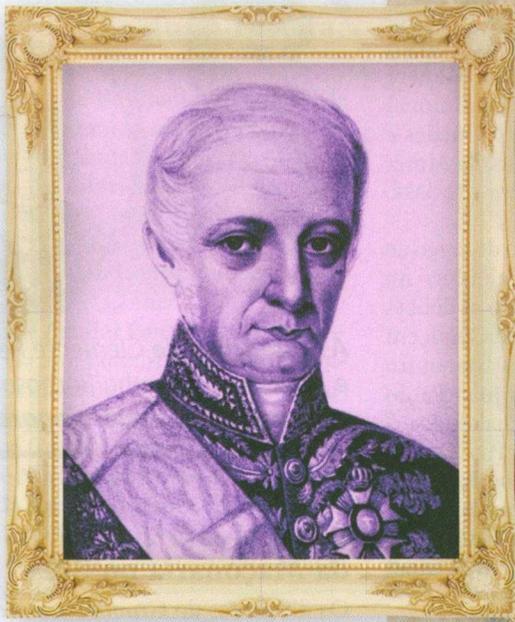
Dado em Sup.: Cons.: aos 5 d.: do 8º mez do A.: da V.: L.: 5835, debaixo da Abob.: Cel.: corresp.: ao Zenith 23º Lat.: Sul.

**D. Amélia de Leuchtenberg, a segunda Imperatriz do Brasil, chegou em 1829, mesmo ano em que o Supremo Conselho dos Países Baixos autorizava Montezuma a fundar o primeiro Supremo Conselho.**

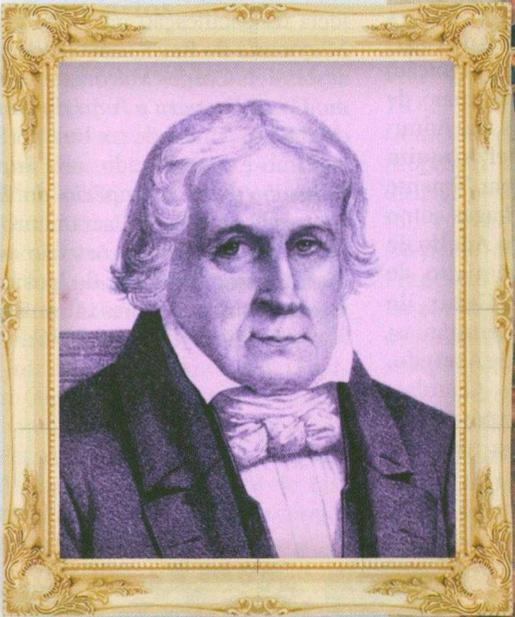


Chegada de D. Amélia de Leuchtenberg à Quinta, aquarela de Auguste Pallière





Bênção das bandeiras, 1817, de Antônio Parreiras



Cortes Constituintes, de Oscar Pereira da Silva



Sessão do Conselho de Ministros, 1822, tela de Georgina de Albuquerque

Os três Irmãos Andrada foram de imensa importância na História do Brasil, durante e após a nossa Independência, sendo que dois deles foram SGCs no Supremo Conselho, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e José Bonifácio de Andrada e Silva. Ao alto, a tela relembram a bênção da bandeira da Revolução Pernambucana de 1817 e, abaixo, a Constituinte em Portugal, que Antônio Carlos se recusou a assinar. No período da Regência e do início do Primeiro Império, José Bonifácio foi o maior dos protagonistas.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva  
D. José Bonifácio de Andrada e Silva



(aa) Cezar de Andrade, 33º; Ladislau Japiassu, 33º; Barreto Pedroza, 33º; Fernando Lopes; 33º; Bastos, 33º; Teixeira, 33º. (PROBER, 1981, 39)

A administração do SGC Antônio Carlos teve início a 12 de novembro de 1835 e se estendeu até 11 de novembro de 1840. Em 12 de novembro de 1835, ele nomeou sua Administração, tendo os Oficiais José Bonifácio de Andrade e Silva como Lugar Tenente Comendador (que, de fato, foi o dirigente do *Supremo Conselho* no período); Cândido Ladislau Japiassu como Grande Secretário Geral do Santo Império; João Huet Bacellar Pinto Guedes como Grande Secretário Geral Adjunto; Luiz Mendes de Vasconcelos Drummond como Grande Tesoureiro. Doente, José Bonifácio nomeou Lugar Tenente Comendador interino o Tenente General Manoel Joaquim Pereira da Silva. (PROBER, 1981, 39)

## Eleição de Membros Efetivos

A exclusão de Japiassu, Bastos e Teixeira, por rebelião, a suspensão de outros e a dúvida da fidelidade de alguns fez José Bonifácio propor ao *Supremo Conselho* elevar ao Grau 33 e eleger Membros

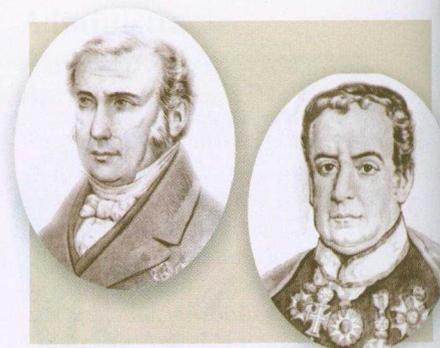
**A Rua Direita, hoje 1º de Março; no Rio de Janeiro, por volta de 1835, em gravura de Rugendas.**

Efetivos o Tenente General João Vieira de Carvalho, Conde de Lages, o Marechal de Campo João da Costa Brito Sanches, o Tenente General Manoel Joaquim Pereira da Silva, o Coronel João Huet de Bacellar Pinto Guedes e o Oficial Thomaz José Tinoco de Almeida, da Secretaria de Justiça. (PROBER, 1981, 42)

José Bonifácio, no exercício do cargo de Soberano Grande Comendador, na mesma data em que executou as deliberações da Magna Assembleia Geral, em 19 de março de 1837, baixou outro Decreto, filiando ao Corpo João Paulo dos Santos Barreto, Marechal do Exército, que havia recebido Patente do *Grande Consistório de Ritos do Grande Oriente de França* para fundar Lojas, Areópagos, Capítulos e Consistórios de Príncipes do Real Segredo, e a Manoel Jose de Oliveira. (PROBER, 1981, 43)

## Nomeação de sucessor

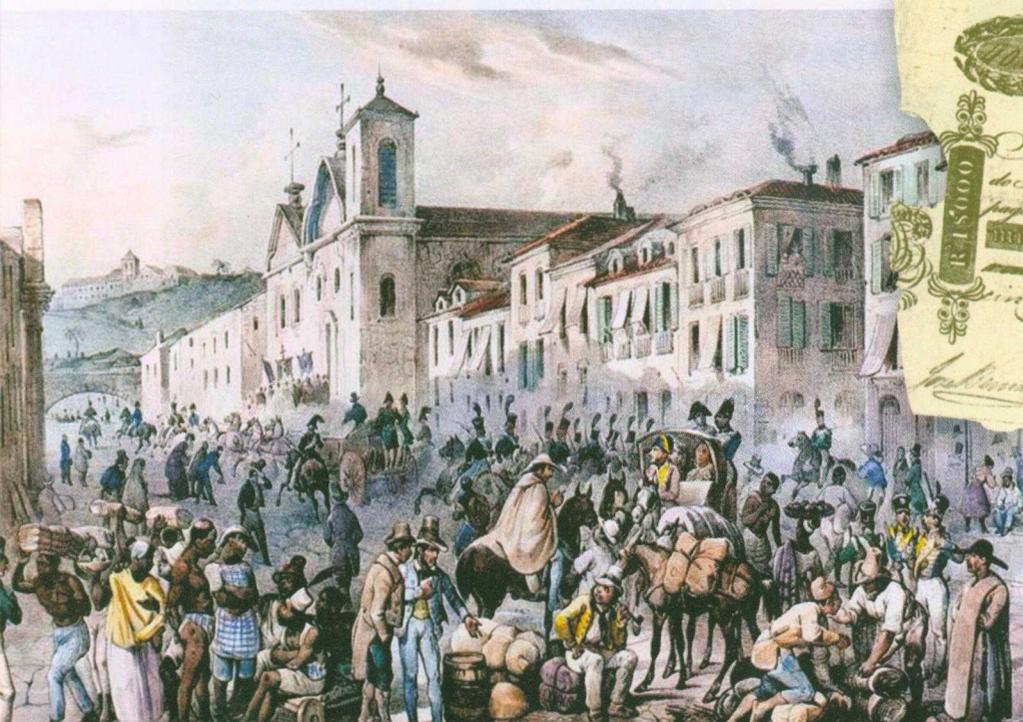
José Bonifácio, em 12 de maio de 1837, sentindo-se sem energia para a função, baixou o Decreto, de 12 de maio de 1837, nomeando membros da Administração os Irmãos Manoel Joaquim Pereira da Silva, como Lugar Tenente Comendador; o Conde de Lages como Grande Tesoureiro; Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja, como Ministro de Estado; Joaquim Antão Cezar de Andrade, como Mestre de Cerimônias; e Manoel Antônio Alvares de Azevedo, como Grande Capitão das Guardas. Estes o substituiriam nas hipóteses de ausência ou de impedimento. (PROBER, 1981, 44)



**As intenções de Clemente Pereira e Januário da Cunha Barbosa, de unir os Maçons não vingaram.**

## Esforço para União da Maçonaria no Brasil

Os dirigentes do *Grande Oriente Brasileiro*, Conego Januário da Cunha Barboza, e do *Grande Oriente do Brasil*, José Clemente Pereira, lançaram a ideia da pacificação na união geral da Maçonaria do Brasil, envolvendo, além destes dois Corpos Maçônicos, o *Supremo Conselho para o Império do Brasil do REAA*, com sede na Rua do Sabão, legítimo e reconhecido, e o *Supremo Conselho para o Império do Brasil* com sede na Rua do Sacramento (este, ilegítimo). As negociações não avançaram muito, em face de posição de alguns dos negociadores intransigentes. (Revista ASTREA, abril de 1927, 74-76)



**Bilhete de mil réis, emitido pelo primeiro Banco do Brasil, para suprir escassez de moedas de cobre.**

## Administração interina de Manoel Joaquim Pereira da Silva

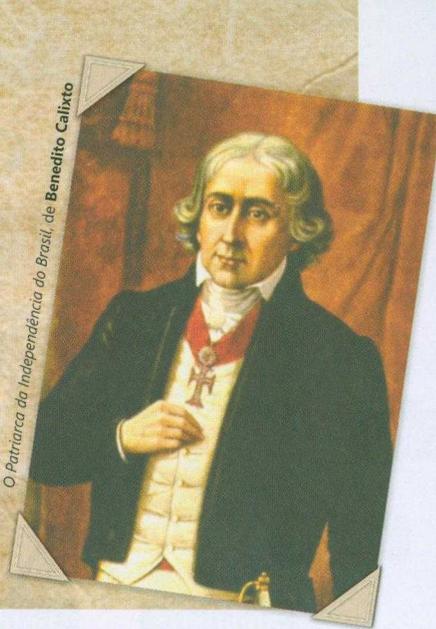
Falecendo **José Bonifácio** a 6 de abril de 1838, em Niterói, e ausente o Soberano Grande Comendador **Antônio Carlos Ribeiro de Andrada**, o Lugar Tenente Comendador **Manoel Joaquim Pereira da Silva** assumiu a direção do Supremo Conselho com o **Conde de Lages** como Lugar Tenente Comendador, **Gustavo Adolfo de Aguilar Pantoja** como Ministro de Estado, **Luiz Mendes de Vasconcelos Drummond** como Grande Tesoureiro; **Joaquim Antão Cezar de Andrade** como Grande Mestre de Cerimônias, o Padre **Manoel da Piedade Valongo de Lacerda** como Grande Secretário do Santo Império e **Manoel Antônio Alves de Azevedo** como Grande Capitão das Guardas.

## Biografia de Antônio Carlos

O segundo Soberano Grande Comendador, **Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva**, nasceu em Santos (SP), a 1º de novembro de 1773. Diplomado em Direito e Filosofia pela Universidade de Coimbra, foi magistrado (Juiz, Ouvidor e Desembargador), político e jornalista. Adotou o nome parlamentar de **Andrada Machado**. Irmão de **José Bonifácio** e de **Martim Francisco Ribeiro de Andrada**, ocupou os cargos de Juiz de Fora em Santos e de Ouvidor em Olinda. Esteve preso durante quatro anos, por participação na *Revolução Pernambucana de 1817*. Deputado à Assembleia Constituinte de Lisboa, reunida em 1821, defendeu corajosamente a autonomia brasileira e se recusou a assinar a Constituição do Reino, que rebaixava o Brasil à condição de colônia. Junto com **Nicolau dos Campos Vergueiro** e **José Bonifácio de Andrada**, representou a província de São Paulo na Assembleia Constituinte Brasileira de 1823, sendo o autor do primeiro projeto de Constituição para o Brasil, não votado em face da dissolução da Assembleia por **D. Pedro I**. Orador eloquente e de postura nacionalista na Constituinte, rompeu politicamente com o Imperador em 1823, o que acarretou sua prisão e exílio com **José Bonifácio**, **Martim Francisco** e **Montezuma**. Asilado na França, retornou ao Brasil em 1828. Em 1832, foi nomeado Ministro Plenipotenciário do Brasil em Londres. Por isto, esteve ausente do Brasil entre 1835 a 1838, a serviço da pátria. Retornou ao Brasil em 1838,



D. Pedro, herdeiro do Brasil (1835), de Luís Gomes Tourinho



O Patriarca da Independência do Brasil, de Benedito Calixto

**Em 15 de dezembro de 1833, José Bonifácio foi substituído pelo Marquês de Itanhahém como tutor do Príncipe D. Pedro.**

sendo eleito Deputado Geral por São Paulo (1838-1842).

**Antonio Carlos** foi iniciado Maçom na *Loja Distintiva*, de São Gonçalo, na Praia Grande em Niterói, fundada em 1812. Organizou a *Universidade Democrática* (1815), no Recife, para promover a Revolução Republicana dirigida por ele dirigida (MARIO MELLO, p. 10), e a *Oficina de Igarassú* (1815) (MELLO, p. 10), fundada pelo Capitão-mor **Francisco Morais Cavalcanti**, ambas Lojas maçônicas destinadas a estimular os patriotas pernambucanos a lutar pela independência do Brasil. Participou da reorganização do **Grande Oriente do Brasil** (1832) com o irmão **José Bonifácio**. Filiado ao **Supremo Conselho para o Império do Brasil**, representou esse Corpo do Rito Escocês Antigo e Aceito no **Congresso Internacional dos Supremos Conselhos**, em Paris (dezembro de 1835), juntamente com **Luiz Mendes de Vasconcelos Drummond**. Faleceu no Rio de Janeiro, a 5 de dezembro de 1845 e foi sepultado no Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. (MELLO, 1835, p. 10)

## Biografia de José Bonifácio

O Soberano Grande Comendador interino **José Bonifácio de Andrada e Silva** nasceu em Santos, a 13 de junho de 1763 e faleceu em Niterói a 6 de abril de 1838. Naturalista, estadista, ministro de Estado e político. Conhecido pelo título de Patriarca da Independência por sua atuação decisiva para a Independência, foi Ministro do Reino e de Estrangeiros, de janeiro de 1822 a julho

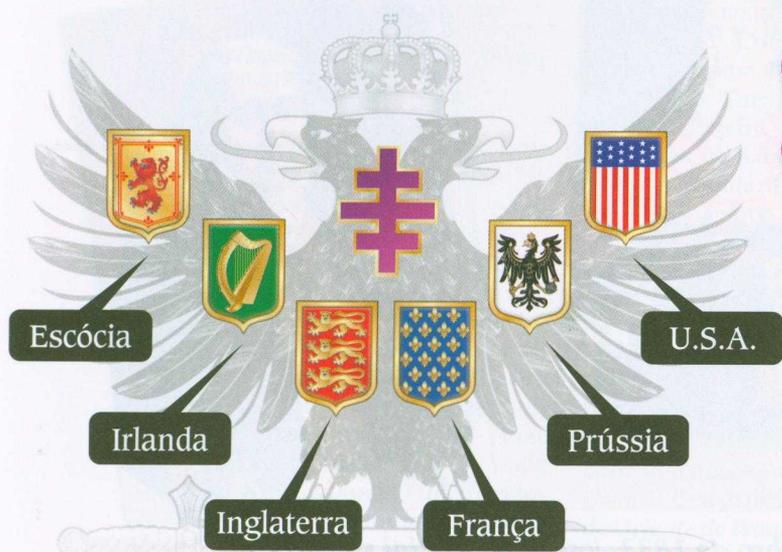
de 1823. Apoiou a regência do Príncipe **D. Pedro de Alcântara**, mais tarde **D. Pedro I**. Estimulou, com a princesa Leopoldina, a proclamação da Independência. Proclamada esta, organizou a ação militar contra focos de resistência de portugueses contra a separação do Brasil de Portugal. Comandou uma política centralizadora. Nos debates da Assembleia Constituinte, divergiu do Imperador **Pedro I**, junto com os irmãos **Martim Francisco** e **Antonio Carlos**. Demitido do Ministério a 16 de julho de 1823, **José Bonifácio** passou à oposição e, fechada a Constituinte, a 11 de novembro de 1823, foi banido com os irmãos e outros membros da Constituinte. Esteve exilado na França por seis anos. Retornou ao Brasil e se reconciliou com o Imperador, assumindo a tutoria do filho quando **D. Pedro I** abdicou (1831) até 1833, quando foi demitido pela Regência.

Matriculado na Universidade de Coimbra, Portugal, iniciou o Curso Jurídico (1783), depois o Curso de Matemática (1784) e o de Filosofia Natural (1785). Estudou metalurgia na Universidade de Montpellier, na França, e foi professor de Geognosia e Metalurgia da Universidade de Coimbra, sendo membro da Academia de Ciências de Lisboa. Na ocasião da invasão francesa a Portugal, em 1807, alistou-se no Corpo Voluntário Acadêmico, como oficial e depois assumiu o Comando. Expulsos os invasores franceses, foi nomeado Chefe de Polícia da cidade do Porto.

(continua)



# Convite ao diálogo, desafio à pesquisa!



Meu Irmão, ainda que se diga que o REAA é francês, permita que discordemos. Não, ele é um amálgama de muitas influências, que, para nós, se dividem em três fases.

Você pode não concordar, é claro. Então, reaja e escreva! Astréa não tem donos da verdade. Aí, ao lado, está um chamado do SGC **Luiz Fernando Rodrigues Torres** para que surjam mais estudos, mais pesquisa, mais pensadores... e mais diálogo.

*Aguardamos sua resposta!*



A **primeira fase**, basicamente aquela do que hoje chamamos *Graus Simbólicos*, é inglesa, irlandesa, escocesa e francesa. As velhas guildas de pedreiros ganharam importância quando os monarcas **Stuart** assumiram o trono britânico e com a necessidade de reconstrução da cidade de Londres em pedra, para substituir a vasta favela de madeira devastada pelo incêndio de 1666. O interesse na investigação das causas das coisas foi incentivado com a criação da *Royal Society*. Na França, a perseguição religiosa promovida por **Luiz XIV**, provocou a migração de pensadores ao ambiente mais propício do outro lado do Canal da Mancha. A Maçonaria tomou forma, incorporando muitos dos elementos que serviriam de inspiração aos *Altos Graus*, e apareceria na França, ainda que timidamente.

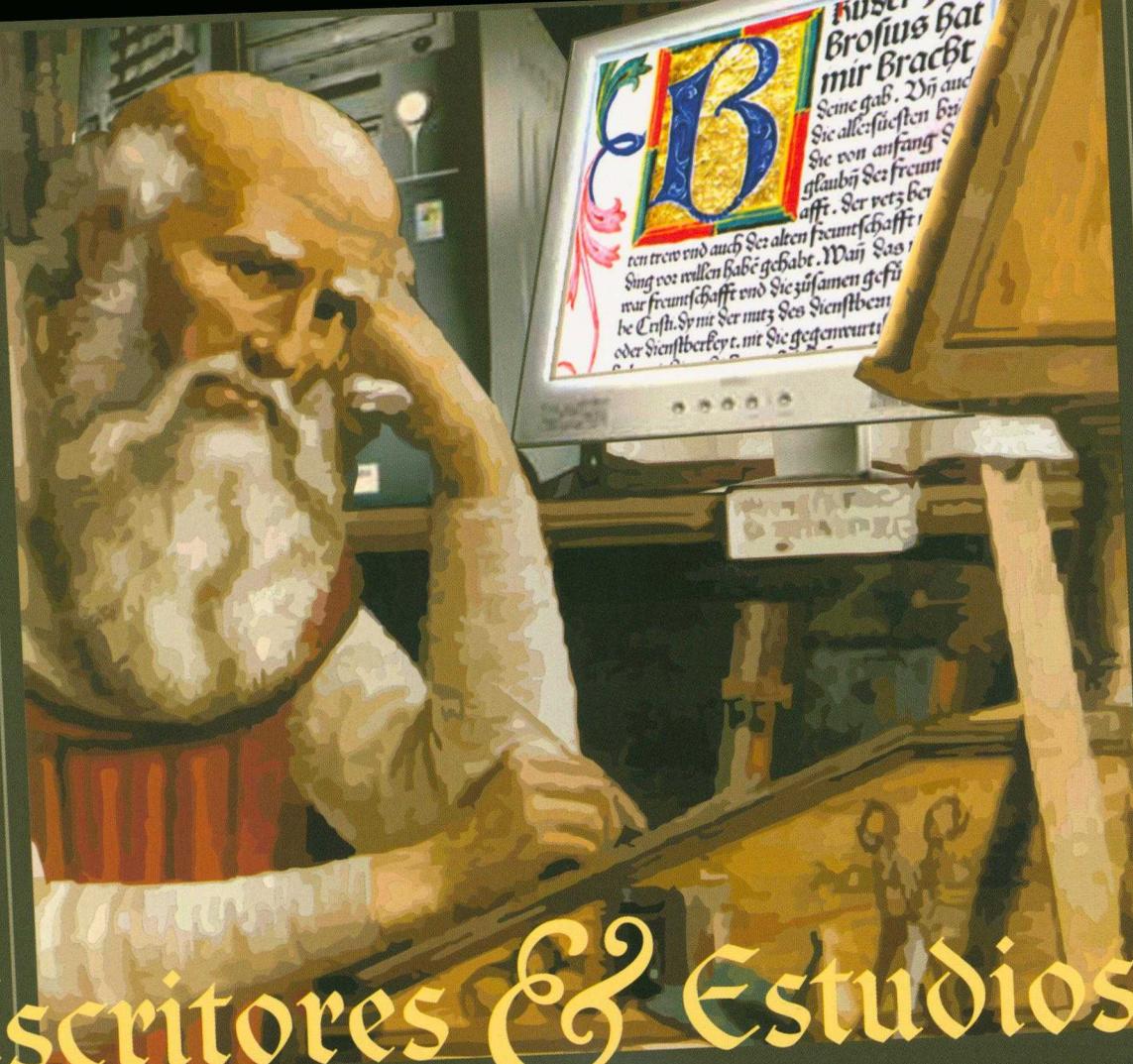


A **segunda fase** pode ser considerada francesa e alemã. Foi consequência direta das lutas dinásticas entre as casas **Stuart** e **Hanover**. A deposição do **Rei James II** levou os partidários dos **Stuart** à França. Lá, a Maçonaria seduziu os nobres franceses ociosos. E serviu para sustentar os nobres britânicos dissidentes lá abrigados, pela criação de novos Graus, usados habilmente pela facção dos **Stuarts** destronados como veículo de propaganda. Aí acontece o famoso (e não lido) *Discurso* de **Ramsay**, associando a Maçonaria aos Cruzados. Os *Altos Graus*, então, atravessam fronteiras e proliferam entre os reinos alemães, como a Prússia.



A **terceira fase** acontece no Novo Mundo, deste lado do Atlântico, onde os *Altos Graus* do Rito Escocês Antigo e Aceito evoluem e ganham forma e consistência, não só pela solidez e maciça presença da Maçonaria dos dois *Supremos Conselhos* americanos, do Norte e do Sul, como podemos afirmar pelo trabalho de **Albert Gallatin Mackey** e **Albert Pike**. Nesta fase, o predomínio é decididamente americano. Não esqueça que, no *Rito de Perfeição* importado da França, o Rito ia do 1º ao 25º Grau. Hoje, porém, no mundo inteiro, para serem regulares, os *Supremos Conselhos* regulares têm jurisdição dos Graus 4º ao 33º. Não esqueça de que a adoção desta fórmula foi o pivot do *Cisma* de 1927!



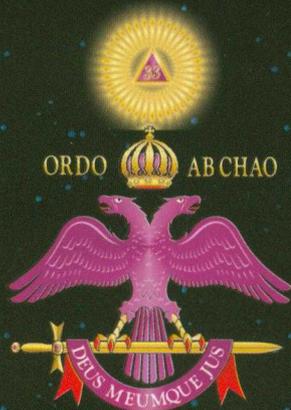


# Escritores & Estudiosos

**A** Revista *Astréa* se propõe a ser o seu veículo em seus trabalhos sobre nosso Rito Escocês Antigo e Aceito. Por isto, a Grande Secretaria do Interior de nosso Supremo Conselho pede aos Irmãos que divulguem em seus Vales que as páginas da *Astréa* estão abertas a trabalhos de caráter filosófico e incentivem os Irmãos pesquisadores que submetam sua criação.

Continuamos a publicar os trabalhos selecionados de nossos Ill.: PPod.: Ilr.:, como determinara nosso S.: G.: Com.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, para que nossa *Astréa* retomasse o sonho de seu criador, o S.: G.: Com.: **Mário Marinho de Carvalho Behring.**

Supremo Conselho do Grau 33 do  
R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para  
a República Federativa do Brasil:  
em amizade com todos  
os Supremos Conselhos  
regulares do mundo.



Rua Barão, 1317 - Praça Seca - Jacarepaguá  
21321-624 - Rio de Janeiro - Brasil  
Tels: (+55 21) 3369-8000  
secretaria@sc33.org.br / <http://www.sc33.org.br>